

SUMÁRIO

Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários). .	1
Sinônimos e antônimos. Sentido próprio e figurado das palavras.	25
Pontuação.	28
Classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção: emprego e sentido que imprimem às relações que estabelecem.	33
Concordância verbal e nominal.	55
Regência verbal e nominal.	58
Colocação pronominal.	60
Crase.	62

Leitura e interpretação de diversos tipos de textos (literários e não literários).

Para interpretar e compreender um texto, é preciso lê-lo. Sim, isso parece óbvio, mas não se trata de qualquer leitura. Um texto só pode ser compreendido a partir de uma leitura atenta, com calma, analisando todas as informações nele presentes.

Eis alguns significados da palavra *interpretar*, de acordo com o dicionário *Priberam*:

- Fazer a interpretação de.
- Tomar (alguma coisa) em determinado sentido.
- Explicar (a si próprio ou a outrem).
- Traduzir ou verter de uma língua para outra.

Ou seja, ao interpretar:

- Tomamos a informação do texto em determinado sentido;
- Explicamos a nós mesmos aquilo que acabamos de ler;
- E traduzimos para nosso intelecto todas as palavras que formam as informações do texto, realizamos a inteligência.

Já *compreender* é o mesmo que *entender*. Ou seja, quando interpretamos um texto da maneira correta, compreendemos e entendemos a mensagem que nos transmite.

Ter dificuldades em interpretar um texto pode gerar vários problemas, já que, todos os dias, nos deparamos com diversos textos, seja em jornais, panfletos, nos estudos e, sobretudo, na internet. E nesse mundo virtual as falhas em interpretar um texto já se tornaram uma piada, ou melhor, um *meme*. Duvida? Então dê uma olhada nos comentários de publicações em redes sociais, especialmente aquelas que envolvam algum tipo de notícia.

Em um concurso público saber interpretar é essencial, visto que há muitas questões desse tipo. A maioria delas irá apresentar um texto e alternativas com

possíveis interpretações das ideias e informações apresentadas pelo autor. Apenas uma será a correta. Para isso, é necessário confrontar as alternativas com o texto em si e verificar se é aquilo mesmo que está sendo dito.

Existem vários tipos e gêneros de textos que podem cair em perguntas de concursos e é preciso estar preparado para todos. Geralmente há a informação de onde o texto foi retirado, geralmente ao final. Assim, caso não consiga identificar qual o tipo ou gênero do texto, essa informação será de grande ajuda.

O título também pode ajudar nesse sentido, uma vez que pode apresentar o tema ou assunto que será abordado ao longo do texto.

É interessante ter essa noção, porém não é o conhecimento do gênero ou tipo que será determinante para uma boa interpretação. Todo texto apresenta alguma informação, que pode ser compreendida ao se realizar uma leitura atenta.

Até mesmo as imagens trazem informações, não precisam ser apenas palavras. Tiras de jornais apresentam texto e imagem. É comum trazerem conteúdo bem-humorado ou de caráter crítico, com toque de ironia.

Uma imagem sem qualquer texto pode ser passível de interpretação. Caso seja a imagem de alguém sorridente, é possível inferir se tratar de alguma coisa boa. As propagandas fazem isso com frequência, pois as empresas querem seus produtos associados a momentos felizes. Tipo o Natal, uma época festiva e em família, que acabou sendo associado à Coca-Cola, graças a muito marketing.

Uma notícia de jornal ou um artigo de opinião podem apresentar ideias que virão de encontro a nossas concepções e valores. Às vezes o autor pode defender um posicionamento com o qual não concordamos. Entretanto, nosso pessoal não deve entrar em jogo. Interpretar um texto é entender aquilo que está escrito, não aquilo em que acreditamos. Sendo assim,

ao iniciar uma leitura, manter a neutralidade é crucial.

Tópico Frasal/Paragrafação

Um parágrafo é organizado a partir de uma ideia central e outras secundárias. Quando o autor quer iniciar uma nova ideia, ele inicia outro parágrafo. O **tópico frasal** normalmente inicia o parágrafo (é comum estar nos dois períodos iniciais) e nele está contida a **ideia principal**, também chamada de **tema** (as ideias secundárias podem ser chamadas de **subtemas**).

Veja o parágrafo:

“A pandemia acelerou o pagamento de compras com o celular, porque muita gente optou pela modalidade sem contato para evitar tocar em dinheiro. A Apple tem uma opção robusta de pagamentos eletrônicos há mais de cinco anos com seu software Wallet para iPhone, que permite que as pessoas façam compras com cartão de crédito e carreguem documentos importantes como cartão de embarque e dados de saúde”.

(Disponível em: Como a atualização do iOS e do Android vai mudar seu smartphone (msn.com). Adaptado.)

A ideia principal (ou central) está logo no início: *A pandemia acelerou o pagamento de compras com o celular*. E logo após temos a secundária, uma justificativa: *porque muita gente optou pela modalidade sem contato para evitar tocar em dinheiro*.

O restante do parágrafo se desenvolve a partir da ideia principal, tendo alguma relação com *pagamentos com o celular*.

Saber que *a Apple tem uma opção robusta de pagamentos eletrônicos com seu software* é uma informação até importante e que se relaciona com o tema. Porém, saber que esse aplicativo também possibilita *carregar documentos importantes e dados de saúde* é um dado irrelevante para a ideia principal, já que não se relaciona com *pagamentos de compras com celular*. Ao realizar a releitura de um texto é interessante não perder tempo focando em informações de pouca relevância.

O título do texto apresenta uma ideia geral a respeito do tema principal que será abordado por ele.

Argumento

O tópico frasal apresenta a ideia central. O autor precisa defender essa ideia e, para isso, se valerá da argumentação. Ele quer convencer o leitor a comprar sua ideia.

O autor pode recorrer ao **argumento de autoridade**, quando faz uso de uma autoridade no assunto para defender sua ideia, podendo ser uma pessoa importante, ou uma instituição.

Pode fazer uso do **argumento histórico**, remetendo sua ideia a fatos históricos que tenham sentido com o que está sendo exposto.

Também pode utilizar o **argumento de exemplificação**, que é pegar um fato cotidiano para ilustrar sua ideia. É como as lições de moral, pegar pelo exemplo de outrem.

Existe o **argumento de comparação**, que justamente compara elementos para dar força à argumentação.

O **argumento por apresentação de dados estatísticos** pode ser muito útil, pois apresenta dados concretos para fortalecer o argumento. Se o argumento é sobre a pobreza no Brasil, o número de pessoas que vivem nessa situação pode fortalecer o argumento, mostrando que ele diz a verdade, pois está de acordo com os dados.

Já o **argumento por raciocínio lógico** está pautado na relação de causa e efeito. É seguir uma lógica do tipo “se isso aconteceu lá, acontecerá aqui também”.

As **conjunções** e os **advérbios** são muito utilizados nas argumentações. Por exemplo, quando o autor desejar comparar algo, poderá empregar *tanto quanto*.

“O desemprego aumentou *tanto quanto* a pobreza, ou seja, um tem relação com o outro”.

Quando se fala em **pertinência** do argumento, fala-se no quanto a informação fornecida por quem está argumentando cabe dentro do tema. Ou seja, um

argumento pertinente deve fazer sentido dentro do tema que está sendo abordado.

A **relevância** de um argumento pode ser analisada pelo quanto uma argumentação é capaz de surtir um efeito sobre a problemática estabelecida pelo tema. Isto é, um argumento relevante é aquele que pode trazer grande peso para o convencimento do leitor. O argumento relevante será decisivo para isso.

Em relação à **articulação dos argumentos**, diz respeito à identificação de ligação entre uma informação apresentada e outra, formando um argumento coerente e homogêneo. As informações apresentadas precisam fazer sentido. Não se deve apresentar uma informação e logo em seguida apresentar uma segunda totalmente descontextualizada. Todas as informações devem conversar entre si, para formar uma ideia coerente, que dará ainda mais força ao argumento, tornando-o ainda mais relevante.

Relação de oposição ou restrição

Uma relação existente entre ideias contrárias, isto é, que se opõem. Por exemplo, “bom” é o oposto de “ruim”.

Alguns conectivos podem indicar ideia de oposição ou restrição, como: Pelo contrário, em contraste com, salvo, exceto, menos, mas, contudo, todavia, entretanto, no entanto, embora, apesar de, ainda que, mesmo que, posto que, ao passo que, em contrapartida.

Exemplo: “Eu gosto dela, **mas**, às vezes, ela me irrita”.

“É um atleta muito dedicado, **em contrapartida**, não faz nada além do básico”.

Relação de causa e consequência

Relação de duas frases, uma das quais é a causa que gera uma determinada consequência ou efeito.

Exemplo: “O menino tirou dez **porque** estudou muito”.

Causa: o menino estudou muito.
Consequência: o menino tirou dez.

Relação de exemplificação

Um exemplo serve para explicar uma ideia. Podem ser introduzidos por: Por exemplo, isto é, como se pode ver, a exemplo de.

“O Brasil é um país muito rico em sua natureza, **como se pode ver** pela quantidade de animais presentes em nossas florestas”. A expressão em destaque introduz um exemplo para explicar a ideia de o Brasil ser um país de natureza rica, um motivo para tal.

Intertextualidade

Trata-se da superposição de um texto a outro. A influência de um texto sobre outro que o toma como modelo ou ponto de partida, e que gera a atualização do texto citado.

Os pesquisadores atuais dizem que todo texto apresenta intertextualidade, visto que é quase impossível escrever um texto sem qualquer tipo de referência. Afinal, quando escrevemos um texto, buscamos referências mentais de outros textos que já lemos. *É preciso escrever uma notícia? Ah, então vou pensar em uma notícia que já li e tentar escrever mais ou menos igual.*

Esses pesquisadores gostam de complicar as coisas. Para simplificar, vamos tomar a intertextualidade como uma referência mais explícita, quando o autor do texto, em sua escrita, faz referências a textos de outros autores. Pode ser feita por meio:

- **Da citação:** é dizer, nas mesmas palavras, aquilo que outro autor disse. Seria uma citação direta.

- **Da paráfrase:** é dizer aquilo que outro autor disse, mas a partir das próprias palavras. Seria uma citação indireta.

- **Da alusão:** é um tipo de referência vaga, indireta, com poucos detalhes que indicam se tratar de uma referência a outro autor. Geralmente, para “pegar” a alusão, é preciso ter um conhecimento prévio.

- **Da paródia:** uma paródia é uma releitura de uma obra, texto, personagem ou fato. Aparece de maneira cômica, com o

uso de deboche e ironia. O mais comum é se parodiar algo famoso, conhecido.

Pode ocorrer a intertextualidade intergêneros, que é um fenômeno segundo o qual um gênero textual pode assumir a forma de outro gênero textual, tendo em vista o propósito da comunicação, finalidade maior de todos os atos de fala. Tal hibridização (outra denominação para a intergenericidade) pode ser encontrada em anúncios publicitários, tirinhas e mesmo em artigos de opinião.

Fato ou Opinião

Os textos argumentativos são aqueles nos quais o autor apresenta um ponto de vista central a respeito de algum tema. Para que o autor convença o leitor de seu ponto de vista, isto é, de sua opinião, é necessário apresentar argumentos bem elaborados.

Na argumentação desse texto, é possível que o autor cite fatos e, em seguida, emita sua opinião acerca deles, criando uma explicação que pode convencer o leitor daquela ideia.

Do outro lado do texto, o leitor deve identificar e diferenciar o que é fato e o que é opinião relativa a esse fato.

O fato é um acontecimento, uma ocorrência, aquilo que acontece em decorrência de eventos exteriores.

Exemplo: “O médico prescreveu um remédio ao paciente”.

A opinião é um ponto de vista sobre um fato. Ela não é, assim, um fato. Trata-se de um julgamento pessoal, de um pensamento em relação a algo, é um modo de pensar.

Exemplo: “O médico prescreveu um remédio bastante caro ao paciente”.

Veja que no último exemplo que a expressão “bastante caro” é uma opinião a respeito do fato de o médico ter prescrito um remédio ao paciente. Tal prescrição ocorreu, é um fato. Todavia, o autor da frase possui uma opinião específica sobre o fato: o remédio é bastante caro.

Informações explícitas

Estão expostas no texto, com todas as palavras. Ao ler, fica óbvia. Basta ler aquilo

que o autor do texto diz para compreender e interpretar a informação. Quando o enunciado de uma questão diz “De acordo com o texto”, por exemplo, trata-se de encontrar uma informação explícita.

Informações implícitas

Para conseguir detectar as informações implícitas, o leitor deve deduzir aquilo que o autor quis dizer, mas não disse de maneira explícita. Trata-se de ler nas entrelinhas. Quando o enunciado de uma questão diz “Depreende-se do texto”, por exemplo, é preciso localizar uma informação implícita.

Inferência

A inferência está relacionada a ideias não explicitadas pelo autor. A questão de um concurso pode pedir, por exemplo, para analisar a partir do ponto de vista do autor. Isso quer dizer que o candidato precisa encontrar no texto aquilo que o autor disse, literalmente e explicitamente. Quando questão apresentar enunciados do tipo *conclui-se*, *infere-se*, será preciso inferir, ou seja, fazer uma dedução a partir de uma informação que não está explícita no texto. Ou seja, tendo em vista tudo o que foi lido no texto, o que será que o autor quis dizer?

Mas é preciso que essa inferência tenha uma lógica, que esteja relacionada com o texto.

De “Brasil está importando computadores moderníssimos” é possível inferir que o Brasil não está produzindo computadores modernos em número suficiente, afinal, se a produção fosse suficiente, não haveria a necessidade de importação. É possível inferir também que parte dos brasileiros está exigindo computadores moderníssimos, pois é necessário haver demanda para importação. Mas não é possível inferir que os computadores importados são mais caros, pois o trecho não faz nenhuma menção a preços; ser importado não torna o computador necessariamente mais caro. Aliás, o assunto nem é preço, não há lógica. Pensar que algo é mais caro por ser importado é ler sem manter a neutralidade.

Pressupostos e Subentendidos

Os pressupostos e subentendidos estão na área dos implícitos. Para “pegá-los”, é preciso ter um ponto, a partir de algo.

Sobre os pressupostos: Quando inferimos uma ideia de um texto, buscamos aquilo que está pressuposto e subentendido, isto é, aquilo que está implícito. O autor não vai transmitir uma ideia completa, com todas as informações explícitas, todavia, a partir de certas palavras e expressões é possível inferir a ideia. Uma ideia pressuposta não é dita explicitamente pelo autor, mas espera-se que fique “óbvia” ao leitor.

Quando é dito “José parou de jogar futebol”, podemos pressupor que José jogava futebol.

É importante prestar atenção aos verbos. Por exemplo, se o autor disser “Os funcionários deixaram o emprego após o pronunciamento do diretor”. O verbo deixar indica que, até antes do pronunciamento do diretor, os funcionários estavam trabalhando normalmente.

Os advérbios, do mesmo modo. “Mariana também deixou a festa cedo”. O “também” indica que mais pessoas além de Mariana deixaram a festa cedo.

Os adjetivos. “Os profissionais qualificados conseguem emprego com maior facilidade”. O “qualificados” indica que há profissionais que não são qualificados e que esses talvez não consigam emprego com tanta facilidade quanto os qualificados.

Orações adjetivas. “Alunos que fizeram silêncio foram premiados”. O “que fizeram silêncio” indica que há alunos que não fizeram silêncio e que, provavelmente, não ganharam prêmio algum.

Palavras denotativas. “Até mesmo Gabriel conseguiu entregar a tempo”. O “até mesmo” indica que havia poucas expectativas em torno de Gabriel, e que outras pessoas conseguiram entregar a tempo.

“Estou cansada de suas ciscadas por aí.” O “ciscadas” indica que o interlocutor

estava fazendo coisas erradas, traindo ou enganando a narradora.

— Cíntia, eu sou um homem de conduta ilibada, de quem você não pode duvidar. E você é a mulher pela qual sou apaixonado. Você tem tudo quanto quer de mim e ainda assim sempre duvida dos lugares onde digo que estou.

— É mesmo? Fiquei lisonjeada...”

O “lisonjeada” pressupõe que Cíntia está sendo irônica. É uma informação implícita, pois a ironia está escondida nessa palavra.

Sobre os subentendidos: A informação subentendida depende do contexto e está ainda menos evidente. É preciso ler nas entrelinhas.

Vamos supor que, em uma tira, um adulto, para um grupo de crianças, do que elas estão brincando. A resposta é “de governo”. O adulto adverte para que não façam bagunça. Elas então respondem que não é preciso se preocupar, pois não vão fazer absolutamente nada.

Dessa tira seria possível subentender que o governo não trabalha, pois quem não faz nada também não trabalha. Se as crianças estão brincando de governo e não estão fazendo nada, então o governo nada faz, não faz seu trabalho.

Em um texto, uma ideia subentendida pode dizer uma coisa, mas fica entendido que o leitor entenderá outra coisa. Se alguém perguntar “Você tem horas?”, não quer dizer que você tenha horas fisicamente, mas sim fica subentendido que a pessoa perguntou sobre as horas, que horas são.

Referente

“O mito da Torre de Babel conta por que existem tantas línguas no mundo. Nele, uma população unida e monolíngue decide construir uma torre que alcance o céu. Deus, irritado com a prepotência das pessoas, confunde a língua delas para que não se entendam mais e espalha as línguas pelo mundo”.

“Nele” tem como referente “o mito”, pois o mito conta uma história, e nessa

história uma população unida e monolíngue decide construir uma torre que alcance o céu. É possível reescrever “No mito, uma população...”.

O referente do pronome “delas” é “pessoas” (a língua delas, de quem?, das pessoas). É possível reescrever “confunde a língua das pessoas para que...”.

O referente é um termo retomado por outro, para evitar sua repetição desnecessária, dando coesão ao texto.

Contexto

Um texto é produzido em um determinado contexto. Por exemplo, um texto jornalístico é produzido na redação de um jornal. Além disso, esse texto será distribuído e lido em outros contextos. Da mesma forma um poema, seu contexto de produção e de recepção é outro.

Há também o contexto histórico. Um texto antigo pode apresentar muitas referências que dizem respeito ao tempo em que foi produzido. O contexto dos dias atuais já pode ser bem diferente. Basta pensar em alguns textos antigos que apresentam costumes que não fazem sentido hoje em dia. Não entender esse contexto pode prejudicar muito a compreensão do texto e levar a interpretações errôneas.

Sem falar de certas palavras que podem deixar o leitor atual perdido. O conhecimento histórico é muito importante, assim como a compreensão desse contexto histórico de produção.

Vamos supor que dois amigos estão jogando um videogame de luta e um deles diz para seu personagem: “Acabe com ele”. Dentro desse contexto, não se trata de uma frase que incita à violência. Mas fossem duas pessoas brigando na rua e um expectador gritando a mesma frase, aí sim seria uma incitação à violência. Por isso é importante compreender o contexto dentro do texto.

Textos técnicos e teóricos, como artigos, possuem uma linguagem técnica, mais

difícil, pois é produzido dentro do contexto científico, pensando em leitores que entendem sobre o assunto. Diferente de um jornal, que visa um público mais amplo, variado.

É interessante também notar o contexto semântico da palavra, isto é, seu significado dependendo da situação na qual é empregada.

Por exemplo, a palavra “droga”.

- “Esse time é uma droga!” - O time não é literalmente uma droga, mas sim um time ruim, que joga mal.

- “Parece que ele está usando drogas” - Aqui a palavra está mais em seu contexto literal, ou seja, indicando uma substância química, geralmente ilícita.

- “Que droga!” - Neste caso, trata-se de uma interjeição, uma expressão que indica uma emoção, podendo tanto indicar raiva, frustração, espanto.

Nunca tome uma palavra diretamente pelo seu significado literal sem antes analisar todo o contexto no qual foi utilizada. Leia todo o texto para entender o motivo de tal palavra ter sido escrita, e não uma outra.

¹Gêneros de circulação da vida cotidiana: adivinhas, álbum de família, exposição oral, anedotas, fotos, bilhetes, música, cantigas de roda, parlendas, carta pessoal, cartão, provérbios, cartão-postal, quadrinhas, causos, receitas, comunicado, relatos de experiência vividas, convites, trava-línguas, curriculum vitae.

Gêneros de estudo e pesquisa: artigos, relato histórico, conferência, relatório, debate, palestra, verbetes, pesquisas.

Gêneros midiáticos: blog, reality show, chat, talk show, desenho animado, telejornal, e-mail, telefonemas, entrevista, torpedos, filmes, videocliques, fotoblog, videoconferência, home page.

Gêneros literários e artísticos: autobiografia, letras de música, biografias, narrativas de aventura, contos, narrativas de enigma, contos de fadas, narrativas de

¹<https://bit.ly/3VbafCs>

ficção, contos de fadas contemporâneos, narrativas de humor, crônicas de ficção, narrativas de terror, escultura, narrativas fantásticas, fábulas, narrativas míticas, fábulas contemporâneas, paródias, haicai, pinturas, histórias em quadrinhos, poemas, lendas, romances, literatura de cordel, memórias, textos dramáticos.

Coerência Textual

Um texto precisa ser organizado, com suas ideias bem relacionadas. As ideias secundárias precisam ter uma relação com a ideia principal, pois as secundárias não podem falar sobre um assunto que não tem nada a ver com a principal. A boa organização das ideias faz com que o texto seja coerente.

O texto coerente apresenta uma ordem e ele não se contradiz. O autor não pode apresentar uma ideia em um parágrafo e, mais diante, dizer o contrário. Ele estaria sendo incoerente.

Há questões de concursos que mesclam correção gramatical, reescrita de textos e coerência. Por exemplo:

“Há a necessidade premente da implantação de programas, projetos e atividades de conservação e uso de energia”.

O trecho destacado poderia ser substituído por *urge a*, visto que o sentido e a ideia seriam mantidos. Algo que urge tem urgência, ou seja, necessidade.

Ponto de Vista do Autor

Há textos impessoais, onde a opinião do autor não é expressa. Há também textos nos quais a opinião do autor fica aparente, ou seja, textos nos quais o autor apresenta seu ponto de vista sobre determinada coisa ou assunto.

“O céu é azul”, isso é um fato. “O céu está bonito hoje”, isso é uma opinião, o ponto de vista de quem está falando. Um fato é incontestável, uma opinião não, já que outros podem discordar dela.

Veja o texto de uma questão:

(Câmara de Taquaritinga - Técnico Legislativo - VUNESP)

O líder é um canalha. Dirá alguém que estou generalizando. Exato: estou generalizando. Vejam, por exemplo, Stalin. Ninguém mais líder. Lenin pode ser esquecido, Stalin, não. Um dia, os camponeses insinuaram uma resistência. Stalin não teve nem dúvida, nem pena. Matou, de fome punitiva, 12 milhões de camponeses. Nem mais, nem menos: 12 milhões. Era um maravilhoso canalha e, portanto, o líder puro.

E não foi traído. Aí está o mistério que, realmente, não é mistério, é uma verdade historicamente demonstrada: o canalha, quando investido de liderança, faz, inventa, aglutina e dinamiza massas de canalhas. Façam a seguinte experiência: ponham um santo na primeira esquina. Trepado num caixote, ele fala ao povo. Mas não convencerá ninguém, e repito: ninguém o seguirá. Invertam a experiência e coloquem na mesma esquina, e em cima do mesmo caixote, um pulha indubitável. Instantaneamente, outros pulhas, legiões de pulhas, sairão atrás do chefe abjeto.

(Nelson Rodrigues, “Assim é um líder”. O óbvio Ululante. Adaptado)

É correto afirmar que, do ponto de vista do autor: líderes são lembrados especialmente por atos que ele classifica como canalhice.

Logo no início o autor já diz que um líder é um canalha. Depois apresenta alguns líderes e os atos que cometeram, “canalhices” para o autor. A seguir, diz que um santo não será seguido por ninguém, mas o canalha sim. Stalin, canalha para o autor, não pode ser esquecido e, realmente, é um líder que não foi esquecido pela história.

Tipos de Discursos no Texto

Quando o autor realiza o **discurso direto** em um texto, isso quer dizer que ele está escrevendo exatamente o que outra pessoa disse. Por exemplo, quando o autor indica a fala de uma personagem.

Quando o autor realiza o **discurso indireto**, ele não diz exatamente o que a personagem disse. Por exemplo: “Ela lhe falou sobre o caso ocorrido ontem”. O autor está dizendo sobre o que *ela* falou, porém não com as palavras expressas.

O **discurso indireto livre** é uma mistura dos dois anteriores. Junto com a fala do narrador, a fala do personagem também é apresentada. Por exemplo: “O rapaz estava cansado. Poxa vida, como é duro viver assim. Por mais que lamentasse, ele não conseguia fazer nada a respeito”. Veja que em “Poxa vida, como é duro viver assim” temos a fala do personagem, e não mais a do autor.

Síntese Textual

Realizar uma síntese textual é sintetizar as ideias do texto longo, ou seja, fazer um resumo, apresentando suas principais ideias. Apresenta um caráter mais pessoal, pois a escolha das informações mais relevantes será feita por quem escreve a síntese. É feita tendo como base aquilo que foi lido e compreendido de um texto. Não há um aprofundamento nas ideias do texto e as ideias secundárias não devem ser contempladas.

Apresenta vocabulário preciso e clareza, bem como a linguagem denotativa, ou seja, em seu sentido literal.

Geralmente o título de um texto faz uma síntese de seu tema, daquilo que abordará. O título “Somos 100% SUS” sugere que, por exemplo, o SUS é um sistema de saúde para todos os brasileiros e, mesmo os que têm plano de saúde privado, são de alguma maneira beneficiados por ele. Lendo esse título, espera-se um texto que fale sobre o que é o SUS, seu início e objetivo.

Adaptação

Sintetizar um texto é realizar um tipo de adaptação. De um texto longo, ele se torna uma síntese das principais ideias. O resumo também é uma adaptação, pois apresenta o texto com poucas palavras, focando, sobretudo, em sua intencionalidade. Há obras literárias adaptadas, por exemplo,

com linguagem mais simples ou mais atual (considerando os clássicos). Muitas versões adaptadas são resumidas, apresentando apenas as situações principais de toda a trama.

Uma adaptação pode ser pegar um texto e transformar sua estrutura. Apresentar as mesmas ideias, mas de maneira diferente, com outras palavras e em outra ordem. Muitos textos utilizados em questões de concursos são adaptados, pois não caberiam numa prova, já que são originalmente longos demais, e uma prova não é um livro! Nesse caso, o texto é adaptado com objetivos didáticos.

No caso de um concurso, os textos são verbais, pois fazem uso de palavras para transmitir sua mensagem, usam a **linguagem verbal**. A linguagem verbal é dita ou escrita.

As palavras são signos, mas uma cor também pode ser um signo. Como no caso do semáforo. A cor vermelha indica “pare”. Não é preciso escrever com palavras para captar a mensagem. Essa é a **linguagem não-verbal**, que pode aparecer também em placas de trânsito, por exemplo. Grande parte delas possuem apenas desenhos, formas ou sinais que têm um significado completo. Sendo assim, é possível adaptar um texto verbal para a linguagem não-verbal e vice-versa. A linguagem não-verbal pode se dar por sons, gestos, imagens, expressões faciais, cores, objetos, etc. Formas podem passar uma mensagem também. Um círculo geralmente é tomado como “sim” e um X como “não”. Uma seta para a esquerda pode indicar que é para virar à esquerda, ou que o caminho segue esse rumo.

Há também textos que **misturam** ambas as linguagens. Uma placa com um cachorro e a frase “Cão Bravo!” é um exemplo. Isso significa para ter cuidado, pois na casa em questão existe um cachorro grande, que pode atacar e machucar alguém.

Recursos expressivos e efeitos de sentido

²O uso de recursos expressivos possibilita uma leitura para além dos elementos superficiais do texto e auxilia o leitor na construção de novos significados. Nesse sentido, o conhecimento de diferentes gêneros textuais proporciona ao leitor o desenvolvimento de estratégias de antecipação de informações que o levam à construção de significados.

Em diferentes gêneros textuais, tais como a propaganda, por exemplo, os recursos expressivos são largamente utilizados, como caixa alta, negrito, itálico, etc. Os poemas também se valem desses recursos, exigindo atenção redobrada e sensibilidade do leitor para perceber os efeitos de sentido subjacentes ao texto.

Vale destacarmos que os sinais de pontuação, como reticências, exclamação, interrogação, etc., e outros mecanismos de notação, como o itálico (para destacar a fala de alguém ou uma palavra estrangeira), o negrito (para destacar uma palavra ou expressão em uma frase, chamando a atenção do leitor), a caixa alta (que pode indicar uma fala em tom de grito, ou chamar a atenção para a palavra ou expressão) e o tamanho da fonte (para indicar que a palavra ou expressão se destaca das outras, como **PROMOÇÃO**, em uma propaganda, sendo a palavra que mais deve chamar a atenção) podem expressar sentidos variados.

O ponto de exclamação, por exemplo, nem sempre expressa surpresa. Faz-se necessário, portanto, que o leitor, ao explorar o texto, perceba como esses elementos constroem a significação, na situação comunicativa em que se apresentam.

Vamos analisar uma questão:

(Prefeitura de Paulista - Técnico de Enfermagem - UPENET/IAUPE)

Terra, planeta único

Marcelo Gleiser

(1) Hoje, escrevo sobre nossa casa cósmica. Vivendo em cidades, na correria do dia a dia, a gente pouco se dá conta do que ocorre ao nível planetário, ou de como nosso planeta é especial. Mas a Terra é única, e devemos nossa existência a ela.

(2) Primeiro, temos uma cumplicidade com o Sol, nossa estrela-mãe. A energia que vem de lá, e que vem chegando aqui por quase cinco bilhões de anos, é fundamental para a vida. A Terra fica no que chamamos de zona de habitabilidade, a faixa de distância duma estrela onde a água, se houver, tem chance de ser líquida. A premissa, aqui, é que, sem água, a vida é impossível. Mas vemos Vênus e Marte, nossos planetas vizinhos também na zona de habitabilidade do Sol, e a história lá é bem diferente. Como no futebol, estar bem posicionado não é suficiente para marcar um gol. O que, num jogador, chamamos de talento, num planeta chamamos de propriedades adequadas.

(3) Vênus é um verdadeiro inferno, tão quente que as rochas, lá, são incandescentes. Além do mais, sua atmosfera ultradensa é rica em muitos compostos de enxofre, incluindo o que dá o fedor dos ovos podres. Marte, o oposto, é um deserto gelado, com cânions de rios e outras estruturas geológicas que mostram que seu passado foi diferente. Acreditamos que, na sua infância, o Planeta Vermelho tinha água em abundância e até, quem sabe, algum tipo de vida rudimentar. Mas sua atmosfera foi desaparecendo aos poucos, vítima da gravidade mais fraca e dos ventos solares, radiação que sai do Sol e se espalha pelo Sistema Solar.

(4) A Terra tem uma idade aproximada de 4,53 bilhões de anos. Nos primeiros 600 milhões de anos, a situação foi bem dramática, com bombardeios constantes vindos dos céus, asteroides e cometas que "sobraram" durante a formação dos

²<https://bit.ly/3WKTSwZ>

planetas e suas luas. Esses visitantes trouxeram uma gama de compostos químicos e muita água, ingredientes da sopa que, em torno de 3,5 bilhões de anos atrás ou mesmo antes disso, daria origem às primeiras formas vivas.

(5) Essas criaturas, muito simples, eram seres unicelulares do tipo procariotas. Vemos fósseis deles em algumas rochas bem antigas, como as descobertas na costa oeste da Austrália, na Baía do Tubarão. Durante um bilhão de anos, pouco aconteceu. Mas a Terra foi se resfriando, os oceanos já bem formados, e regiões com terra firme foram cobrindo pequenas partes da superfície.

(6) Foi então que, em torno de 2,4 bilhões de anos atrás, esses seres unicelulares passaram por uma mutação fundamental: descobriram a fotossíntese, a capacidade de transformar a energia solar em energia metabólica, consumindo gás carbônico e produzindo oxigênio. Aos poucos, essas criaturas foram mudando a composição da atmosfera, que foi ficando cada vez mais rica em oxigênio.

(7) Devemos, em grande parte, nossa existência a essas bactérias e a essa mutação. Mas formas de vida só podem se transformar quando o planeta em que existem oferece condições para tal. Apesar das grandes transformações no decorrer de sua existência, a Terra permaneceu relativamente estável nos últimos dois bilhões de anos, permitindo que as formas de vida primitivas pudessem passar por suas mutações.

(8) Os cataclismos que ocorreram – enormes erupções vulcânicas, emissão de metano, bombardeios de asteroides e cometas – mudaram as condições planetárias e, portanto, renegociaram as formas de vida que podiam existir aqui. Mas nunca a ponto de eliminar a vida por completo. (Se bem que a grande extinção do Permiano-Triássico chegou perto, eliminando cerca de 95% das formas de vida na Terra.)

(9) Comparada aos outros mundos que conhecemos, a Terra se distingue por ser

um oásis para a vida. Sua atmosfera protege a superfície dos raios ultravioleta letais que vêm do Sol. O campo magnético – resultado da circulação de ferro e níquel líquidos no centro do planeta – funciona também como um escudo contra radiação nociva que vem do espaço, principalmente partículas oriundas do Sol. (...)

(10) Portanto, viva a Terra! Não estamos aqui por acaso. Somos produto disso tudo, das inúmeras mutações que transformaram bactérias em pessoas, dos acidentes cataclísmicos que redefiniram as condições planetárias, das inúmeras mudanças que ocorreram no decorrer de bilhões de anos de história.

(11) Saber disso não nos diminui; pelo contrário, nos remete ao topo dessa cadeia de vida, nós que somos as criaturas capazes de reconstruir nosso passado com tanto detalhe e, ao mesmo tempo, nos questionar sobre o futuro. Por outro lado, devemos lembrar que estar no topo não significa desprezar o que está por baixo. Do poder vem a responsabilidade, no caso, de guardar a vida e o planeta, entendendo que somos parte dessa dinâmica planetária, na verdade, completamente dependentes dela. Somos poderosos no nosso conhecimento, mas frágeis quando comparamos forças com a natureza. Tratar a Terra e suas formas de vida com humildade e respeito é a única opção que temos, se queremos continuar por aqui, por outros tantos milhares de anos.

Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/marcelogleiser/2017/11/1932441-terra-planeta-unico.shtml?loggedpaywall>. Acesso em: 11 maio 2018. Adaptado

Se observarmos a organização que o autor dá ao seu texto, vamos identificar que ele emprega certas estratégias para obter alguns efeitos de sentido. Assinale a alternativa que identifica e relaciona CORRETAMENTE as estratégias e os efeitos de sentido obtidos.

(A) Ao anunciar o tema que vai abordar (**1º parágrafo**), o autor pretende destacar o seu papel de especialista, mas acaba por marcar certo distanciamento do seu leitor.

(B) O emprego de uma linguagem predominantemente científica mostra que o autor restringe o diálogo sobre a evolução do nosso planeta a outros cientistas.

(C) Ao marcar o seu discurso com a autoridade de quem detém amplo conhecimento sobre o tema, o autor pretende não abrir espaço para questionamentos.

(D) Quando afirma: “mutações transformaram bactérias em pessoas” (**penúltimo parágrafo**), o autor quer desqualificar a humanidade ante a situação do Planeta.

(E) Na conclusão do texto (**dois últimos parágrafos**), o autor sintetiza o assunto, ao mesmo tempo em que responsabiliza e envolve o leitor na causa ambiental.

Alternativa A: Incorreta

No primeiro parágrafo, o autor não diz, em nenhum momento, que ele é um especialista. Na verdade, ao anunciar o tema, ele pretende falar sobre o que seu texto vai discutir. Comumente, é o que se faz no primeiro parágrafo, uma introdução, anunciando o tema do texto. Sem falar que ele faz uso da terceira pessoa do plural (**nos**sa casa), o que marca uma proximidade com o leitor. Quando o autor faz uso dessa pessoa em um texto, pretende trazer o leitor para si, encurtar a distância, tornando a leitura uma conversa entre autor-leitor. Esse é um efeito de sentido obtido com o recurso expressivo da terceira pessoa do plural.

Alternativa B: Incorreta

É incorreto dizer que a linguagem do texto é predominantemente científica. É uma linguagem bem acessível, na verdade, que visa atingir um maior público. Há alguns termos que podem ser considerados mais científicos, menos populares, como “cataclismos”, todavia, logo após empregar esse termo, o autor oferece uma explicação entre travessões “enormes erupções vulcânicas, emissão de metano, bombardeios de asteroides e cometas”. Isso demonstra que o autor visa um público mais

amplo e mesmo leigo. Sem falar que ele até utiliza o futebol para exemplificar aquilo que está falando. Ele não escreve para cientistas. Esse recurso expressivo, de uma linguagem mais acessível, apresenta um efeito didático e uma indicação de querer atingir um público maior. Caso a escrita do texto fosse predominantemente científica, com uma linguagem que apenas especialistas no assunto pudessem compreender, o efeito seria o oposto.

Alternativa C: Incorreta

O texto é majoritariamente dissertativo-argumentativo. O autor apresenta um tema e o defende com argumentos baseados em ciência. Mas o autor, apesar de ser um especialista, não se coloca como um. Ele não está pregando uma verdade absoluta, não está citando fontes. Ele não quer provar que sua palavra é a final. Com todos os fatos que ele apresenta, podemos supor que ele possui um amplo conhecimento. Esse é um efeito de sentido obtido quando os argumentos são fortalecidos com fatos da Ciência: tornam-se mais fortes, convincentes e transmitem a ideia de que o autor detém amplo conhecimento sobre o assunto. No último, parágrafo o autor faz uma conclusão, afirmando que é necessário “nos questionar sobre o futuro” e devemos “Tratar a Terra e suas formas de vida com humildade e respeito”. Aqui já vemos que o autor não está fechado para questionamentos. Seu texto é um convite à reflexão.

Alternativa D: Incorreta

Quando o autor faz essa afirmação, ele pretende exaltar a Terra. Ele não está querendo desqualificar nada, nem ninguém. O efeito de sentido que essa afirmação transmite é o de que, graças ao planeta Terra, o ser humano é como é e conseguiu evoluir até os dias atuais. A Terra ofereceu todas as condições para que isso ocorresse, tendo em vista a visão evolucionista, de que os seres mais complexos que existem hoje vieram de uma simples bactéria, a partir da evolução, ocorrida ao longo de milhões de

anos. O texto é um elogio à Terra, como vemos no primeiro parágrafo “Mas a Terra é única, e devemos nossa existência a ela”.

Alternativa E: Correta

Nesse tipo de texto, a parte final é dedicada a uma conclusão. Nos dois últimos parágrafos, o autor retoma sua tese, de que devemos nossa existência à Terra “Portanto, viva a Terra! Não estamos aqui por acaso”. O autor exalta também os seres humanos, que não são minimizados pela Terra “Saber disso não nos diminui; pelo contrário, nos remete ao topo dessa cadeia de vida”. Isso, por si, já demonstra que a alternativa “D” está errada e, em seguida, o autor nos lembra de que aqueles que estão no topo são responsáveis pelos que estão abaixo “devemos lembrar que estar no topo não significa desprezar o que está por baixo”. Desse modo, ele responsabiliza a todos os seres humanos pelo planeta, indicando que devemos ser conscientes “Tratar a Terra e suas formas de vida com humildade e respeito é a única opção que temos, se queremos continuar por aqui, por outros tantos milhares de anos”. Cuidar do planeta é a única maneira de garantir o futuro da natureza como a conhecemos hoje, e isso é uma causa ambiental. O efeito de sentido da conclusão do texto é a importância da proteção do meio ambiente.

Vamos analisar um trecho:

“Um brasileiro de 38 anos, Vítor Negrete, morreu no Tibete, após escalar, pela segunda vez, o ponto culminante do planeta, o monte Everest. Da primeira, usou o reforço de um cilindro de oxigênio para suportar a altura. Na segunda (e última), dispensou o cilindro, devido ao seu estado geral, que era considerado ótimo”.

Aqui, podemos dizer que o termo “o monte Everest” é um aposto que especifica a expressão “o ponto culminante do planeta”, a qual, por sua vez, completa o sentido do verbo “escalar”, evidenciando dados referentes ao local do acidente. O aposto explica que o ponto culminante do planeta (o mais alto) é o monte Everest. O

brasileiro escalou o monte Everest, que foi o local do acidente, que acarretou em sua morte.

Vamos analisar uma imagem:



Acerca das relações de sentido produzidas pelos termos “sem” e “para”, é correto afirmar que dizem respeito aos efeitos de sentido, respectivamente, de *exclusão* e *fim*.

O termo “sem” geralmente indica uma exclusão. “Estou sem dinheiro”, ou seja, o termo “sem” está indicando um efeito de sentido de exclusão desse dinheiro. “Viver sem limite”, o “sem” exclui o “limite”.

“O Brasil trabalha para garantir a autonomia e melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência”. O “para” é uma conjunção final, que indica finalidade. Qual é a finalidade do trabalho do Brasil? É garantir a autonomia e melhorar a qualidade de vida das pessoas com deficiência.

(Prefeitura de Montes Claros - Agente Comunitário de Saúde - COTEC/2022)





Disponível em:

<https://sosriosdobrasil.blogspot.com/2013/04/arma-ndinho-natureza-tirinha-de.html>. Acesso em: 12 maio 2022.

A análise do texto permite inferir que o homem está destruindo a natureza em um processo contínuo e de difícil interrupção. Essa ideia é evidenciada pelo uso do(a)

- (A) substantivo “natureza”.
- (B) “pronome “você”.
- (C) verbo “tentem”.
- (D) locução verbal “vai cuidar”
- (E) advérbio “sim”.

Para inferir que o homem está destruindo a natureza em um processo contínuo e de difícil interrupção, é preciso encontrar no texto o termo que retoma o “homem” junto com a ideia de ação.

A forma verbal “tentem” cumpre essa função. Ao dizer “tentem não destruir tudo até lá”, o menino indica que a natureza está sendo destruída no exato momento de sua fala. Ele é uma criança e, até ser um adulto, muito tempo terá se passado. Se os adultos de seu tempo destruírem a natureza, não sobrar nenhuma para o menino poder cuidar quando for adulto.

(TJ-SP - Escrevente Técnico Judiciário - VUNESP/2021) Leia o texto para responder à questão.

Vida ao natural

Pois no Rio tinha um lugar com uma lareira. E quando ela percebeu que, além do frio, chovia nas árvores, não pôde acreditar que tanto lhe fosse dado. O acordo do mundo com aquilo que ela nem sequer sabia que precisava como numa fome. Chovia, chovia. O fogo aceso pisca para ela e para o homem. Ele, o homem, se ocupa do que ela nem sequer lhe agradece; ele atíça o fogo na lareira, o que não lhe é senão dever de nascimento. E ela – que é sempre inquieta, fazedora de coisas e experimentadora de curiosidades – pois ela nem lembra sequer de atíçar o fogo; não é seu papel, pois se tem o seu homem para isso. Não sendo donzela, que o homem então cumpra a sua missão. O mais que ela faz é às vezes instigá-lo: “aquela acha*”, diz-lhe, “aquela ainda não pegou”. E ele, um instante antes que ela acabe a frase que o esclareceria, ele por ele mesmo já notara a acha, homem seu que é, e já está atíçando a acha. Não a comando seu, que é a mulher de um homem e que perderia seu estado se lhe desse ordem. A outra mão dele, a livre, está ao alcance dela. Ela sabe, e não a toma. Quer a mão dele, sabe que quer, e não a toma. Tem exatamente o que precisa: pode ter.

Ah, e dizer que isto vai acabar, que por si mesmo não pode durar. Não, ela não está se referindo ao fogo, refere-se ao que sente. O que sente nunca dura, o que sente sempre acaba, e pode nunca mais voltar. Encarna-se então sobre o momento, come-lhe o fogo, e o fogo doce arde, arde, flameja. Então, ela que sabe que tudo vai acabar, pega a mão livre do homem, e ao prendê-la nas suas, ela doce arde, arde, flameja.

(Clarice Lispector, *Os melhores contos [seleção Walnice Nogueira Galvão]*, 1996)

* pequeno pedaço de madeira usado para lenha

A repetição dos termos destacados tem a função de enfatizar uma ação na passagem:

(A) ... homem seu que é [...] que é a mulher de um homem...

(B) ... ele por ele mesmo já notara a **acha**, [...] e já está atíçando a **acha**.

(C) ... come-lhe o **fogo**, e o **fogo** doce arde, arde, flameja.

(D) **Chovia, chovia**. O fogo aceso pisca para ela e para o homem.

(E) ... “**aquela** acha”, diz-lhe, “**aquela** ainda não pegou”.

Os verbos indicam uma ação. A forma verbal “é” não indica uma ação nesse texto. Mas “chovia”, sim. Trata-se de um fenômeno da natureza e sua repetição no texto enfatiza algo: chovia muito. A alternativa correta é a “D”.

Por fim, analisemos outra questão:

(Prefeitura de São Lourenço - Auxiliar de Secretaria - FUNDEP)

De acordo com uma reportagem do portal UAI, uma escola de princesas será inaugurada em BH. Parece fofo, afinal, contos de fadas são realmente lindos, mas são... contos! Aliás, esse universo é onírico, remete à mais tenra infância e ajuda os adultos a darem aquela escapada da realidade.

Eu gastei muito tempo na minha vida para aceitar que a vida não é uma fantasia. Demorei a sair de uma espera passiva pelo príncipe e por um reino com as contas já pagas. A vida urge, é real, é dinâmica e nos exige posturas e respostas agora. Custou, mas descobri as delícias da vida adulta, sobretudo a autonomia.

Uma coisa chata de ser princesa deve ser ter que ficar só com príncipes. Não que eu não saiba escolher o melhor para mim, mas não é o suficiente o sujeito ser engraçado, bom de papo, trabalhador, honesto e beijar bem? E se o amor demorar um bocadinho, temos que ficar dormindo até ele nos despertar? E quando ele aparecer, precisa nos levar para um castelo? Não dá para dividir as contas de um apê segundo nossas condições?

Aliás, somos mesmo príncipes e princesas? Não basta sermos homens e mulheres adultos que vivem conforme suportam a própria realidade? Ou

necessitamos fantasiar o tempo inteiro a nosso respeito e sobre as relações?

Nada contra as altezas. Por coincidência, estou de viagem marcada à Disney para o próximo mês, mas vou com o meu dinheiro, conseguido por um esforço real.

[...]

Muitos de nós queremos o trono, e eu me sinto coroada quando dispenso a varinha mágica da fada madrinha e vou à luta, colocando a bruxa pra correr e os dragões para dormir. Minha coroa são as minhas superações, as amizades que mantenho, as relações que vivi e o que eu aprendi com elas. É escolher a minha fé, e ter as minhas convicções espirituais a partir das minhas experiências e não do que me ensinaram. Minha coroa é o adulto que me tornei e o meu projeto de vida – traçado e executado por mim.

Essa coroa não se herda, não vem de brinde e não vem no curso de princesa: ela é fabricada a duras penas na escola da vida.

CONRADO, Laura. *Uai*. 9 out. 2015. Disponível em: <<http://zip.net/bfr90m>>. Acesso em: 13 out. 2015 (Adaptação).

Sobre a coerência, a coesão e os efeitos de sentido do texto, assinale a alternativa INCORRETA.

(A) A repetição de palavras comuns ao universo dos contos de fada (princesas, príncipes, bruxas, dragões) garante a progressão do texto de forma coesa.

(B) As perguntas feitas pela autora no terceiro e no quarto parágrafos são retóricas.

(C) A recorrência de pronomes demonstrativos, usados para situar o leitor no tempo e no espaço, é a responsável por manter a unidade textual.

(D) Embora seja fruto do ponto de vista da autora, o texto busca provocar reflexões no leitor, com a intenção de fazer com que ele analise e repense alguns conceitos.

Alternativa A não está incorreta

Quando a autora apresenta repetições, é porque pretende atingir um efeito de sentido. São repetições pensadas,

premeditadas e intencionais. Ao repetir palavras comuns dos contos de fada, a autora pretende remeter seu texto a esse universo, com argumentos que fazem alusão ao mesmo, visto que o texto fala a respeito de uma escola de princesas que será inaugurada em BH.

Alternativa B não está incorreta

Uma pergunta retórica é uma pergunta feita para a qual já temos a resposta. A pessoa que faz uma pergunta retórica já sabe a resposta do questionamento feito e busca ajudar o destinatário da interrogação a refletir ou a entender determinado tema, assunto ou situação. Esse é o efeito de sentido de uma pergunta retórica.

Alternativa C está incorreta

Os pronomes demonstrativos, como “este”, “aquele”, são responsáveis por situar o leitor no tempo e no espaço. Esse é o efeito de sentido desses pronomes. “Este carro” está perto no espaço, “Aquele carro” está longe no espaço; “Este ano foi bom” é recente no tempo, “Aquele ano foi bom” é distante no tempo. A responsável por manter a unidade textual é coesão textual, que garante a ligação e a harmonia entre os elementos de um texto. As conjunções são um exemplo, pois conectam orações “Fiquei cansado porque corri demais”, a conjunção “porque” tem sentido de explicação, explicando o motivo de eu ter ficado cansado. É também uma relação de causa e consequência: causa - corri demais; consequência - fiquei cansado. Já os pronomes pessoais podem retomar um termo dito anteriormente “O menino caiu da bicicleta. Ele vinha muito rápido e se desequilibrou”, o pronome pessoal “ele” retoma “O menino”.

Alternativa D não está incorreta

O texto apresenta o ponto de vista da autora, que é defendido por meio de argumentos. Afinal, trata-se de um texto dissertativo-argumentativo. A autora nos coloca que a vida da maioria das pessoas está bem distante de um mundo de

princesas, de conto de fadas. No mundo real, há problemas, pessoas de diversos tipos e devemos trabalhar muito para conseguir as coisas. Sendo assim, fantasiar um mundo de princesa não ajudaria em nada, já que a vida adulta nos apresenta uma realidade totalmente contrária a essa ideia. A autora usa bastante a terceira pessoa do plural, “Muitos de nós”, o que transmite um efeito de sentido de proximidade com o leitor. Sem falar nas perguntas retóricas, que pretendem gerar reflexões nos leitores.

Texto Publicitário

São textos que aparecem em campanhas publicitárias, ou seja, são propagandas. Esses textos podem ser escritos, visuais, orais ou uma mistura de todos ou de alguns desses elementos. Por exemplo, uma imagem, uma foto de um produto, é uma publicidade visual. Um texto falando sobre um produto é escrito. Um anúncio no rádio é oral. Já uma propaganda na TV ou internet, um vídeo, é uma mistura de todos, pois há imagens, sons e textos.

Podem aparecer em diversos locais, na rua, rádio, TV, internet, jornal, revistas, etc. Possuem o objetivo de vender algo para o leitor, convencendo-o de que determinado produto é bom e necessário.

Para isso, apresentam uma linguagem sugestiva e persuasiva, tentando seduzir o possível cliente, fazendo uso de estratégias que podem mexer com o psicológico, com desejos e emoções. Podem também fazer uso do humor, com trocadilhos e ironia.

Apresentam uma linhagem conotativa e apelativa. O texto publicitário não busca ser literal, pois tenta mexer com a ideia do consumidor, fazendo-o imaginar as possibilidades que o produto pode trazer.

São textos geralmente curtos, que podem descrever o produto ou apenas apresentar situações. As propagandas de cervejas, por exemplo, não falam sobre o produto em si, mas apresentam situações positivas, relacionando-as com o produto. Desse modo, essa bebida fica relacionada a festas, à praia, à diversão e a pessoas bonitas e felizes. A Coca-Cola tem sua imagem

relacionada ao Natal por conta da propaganda.

Muitas empresas possuem slogans em suas propagandas, que são frases de efeito que ficam ligadas à marca. Como a dos postos Ipiranga “Pergunta lá no posto Ipiranga”. O McDonald's “Amo muito tudo isso”.

Sequência de fatos ilustrados

Ao falar sobre esse assunto em concursos públicos, estamos falando sobre as tirinhas ou histórias em quadrinhos que geralmente aparecem nas provas, em diversos tipos de questões, sobretudo em interpretação de textos.

Trata-se de um gênero textual que mescla as linguagens verbal e não verbal, já que há balões com as falas dos personagens assim como ilustrações. Tanto as falas quanto as ilustrações “conversam”, muitas vezes se complementando. Por meio do texto verbal é possível ler os fatos, assim como pelas ilustrações. Mas, neste caso, estamos lendo o desenho. Por exemplo, quando um personagem está sorrindo, podemos inferir que ele está alegre. O mesmo vale para quando sua expressão indica raiva; é um sinal de que ele está bravo, nervoso.

Você já deve ter utilizado um emoji em uma conversa pelo celular, não é mesmo? Então, quando você envia uma carinha sorridente, isso quer dizer que você está feliz. Uma chorando de rir, é que achou algo engraçado. Um coração, indica amor. E assim que inferimos uma informação da linguagem não verbal.

Em concursos públicos, é mais comum encontrar tiras de jornais, que apresentam um tom de humor, crítica, ironia ou mesmo uma mistura de todos. Geralmente fazem uma crítica aos valores sociais.

Para ler uma tira ou história em quadrinho, se tratando de nosso padrão ocidental de elaborá-las, temos que ler da esquerda para a direita, de cima para baixo.

Veja a tira a seguir, com a sequência enumerada:



(Bill Watterson, Calvin e Haroldo. Disponível em: <https://www.google.com.br>.)

Note que há uma sequência lógica entre os quadrinhos. O menino acorda, prepara seu café e o come assistindo à televisão. Primeiro ele diz que adora sábados, explica aquilo que faz ao longo dos sábados e apresenta uma conclusão ao responder à pergunta feita pelo tigre.

Essa tira é voltada ao humor, pois existe uma informação implícita que causa esse efeito de humor. Sabe qual? Os pais do garoto não se animam a aumentar a prole em razão do comportamento dele.

Ao longo dos sábados, ele aparenta ser um menino que dá muito trabalho, porque, por causa do tanto de açúcar que come logo cedo, fica agitado, hiperativo ao longo do resto do dia. Sendo assim, seus pais não dão conta dele, não aguentam tanta bagunça.

Se com apenas um filho já é assim, por que iriam querer mais um? Um já dá muito trabalho. Até parece ser uma estratégia do menino para não ter irmãos, e que parece estar funcionando, levando em conta que até o momento da tirinha seus pais não tiveram outro filho.

As tiras normalmente apresentam as seguintes características:

- Balões de diversos tipos e formas que indicam os diálogos dos personagens ou suas ideias. Um balão redondo indica fala; um em formato de nuvem, o pensamento; um pontiagudo, uma fala alta ou um grito.

- Possui elementos básicos de narrativa, como personagens, enredo, lugar, tempo e desfecho.

- Sequência de imagens que compõem uma cena.

- Quadros, cada um representando uma cena da história.

- Metáforas visuais, como, por exemplo, sinais musicais em uma cena onde personagens estão dançando ou ouvindo música. Ou caveiras, cobras e lagartos saindo da boca, representando palavrões.



Disponível em:
<http://bichinhosdejardim.com/triste-fim-relacoes-afetivas/>.

A personagem Joana considera as pretensões de Caramelo como uma “cilada” porque o discurso do personagem Caramelo não corresponde às suas ações. Se a ideia fosse resgatar o contato e o carinho em tempos de virtualização, não seria esperado que fosse promovido um encontro virtual ou uma reunião online. O esperado seria uma reunião presencial.



Disponível em: <https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/42574615291/por-clara-gomes-bichinhos-de-jardim>.

Tendo em vista a fala “Hoje almejo uma janela para ver o dia passar!”, é correto afirmar que, no último quadro, a fala do personagem se revela irônica.

A ironia (ou antífrase) é uma figura de linguagem empregada para dizer-se algo por meio de expressões que remetem propositalmente ao oposto do que se quis dizer.

A ironia aqui é que antes o personagem sonhava em ganhar na loteria, um emprego maravilhoso. Agora, ele somente sonha com uma janela (uma casa) para ver os outros passarem. No final, quando ele diz que o seu problema é a ambição desmedida, a ironia ocorre em relação ao penúltimo quadrinho. Não se trata de uma “ambição desmedida” sonhar com uma casa para viver, a ironia está aí. Uma ambição desmedida poderia ser ganhar na loteria.



Disponível em:
<https://brainly.com.br/tarefa/38102601>.

De acordo com o texto, “[...] sair de um acidente em alta velocidade pelo vidro da frente” indica uma consequência de dirigir em alta velocidade sem o cinto de segurança.

A expressão “pelo vidro da frente” expressa uma circunstância de modo, pois é o modo (a maneira) de se sair de um acidente em alta velocidade.



Disponível em:

<https://www.humordido.net/index.php/2017/10/30/merisvaldo-cabeleireiro/>.

Análise as afirmativas a seguir tendo em vista o texto apresentado.

I. O problema ortográfico interfere no sentido da mensagem, já que produz uma ambiguidade.

Correto, pois a palavra “samente” (apenas) está grafada de maneira incorreta, criando duas palavras, “só” e “mente”. Isso gera um duplo sentido. Merisvaldo trabalha somente aos domingos, ou ele só conta mentiras aos domingos?

II. Mesmo com o problema ortográfico presente na mensagem, é possível identificar o sentido que ela pretende produzir.

Correto, pois, apesar do problema da ambiguidade e do erro ortográfico, é possível entender que Merisvaldo, cabelereiro, atende somente aos domingos.

III. Um dos sentidos que se poderia atribuir à mensagem é que Merisvaldo atua como cabelereiro apenas aos domingos.

Correto, considerando que o correto seria grafar “samente”, ele apenas trabalharia como cabelereiro aos domingos.

IV. Um dos sentidos que se poderia atribuir à mensagem é que Merisvaldo fala a verdade de segunda-feira a sábado.

Correto, considerando a grafia “só” e “mente”. Ou seja, Merisvaldo apenas fala mentiras aos domingos. Nos demais dias, diz a verdade.

V. A grafia da palavra “cabeleireiro”, apresenta-se correta, embora, muitas vezes, represente uma dificuldade para alguns usuários da língua portuguesa.

Correto. Seria incorreto “cabeleleiro”.

Estão corretas as afirmativas I, II, III, IV e V.

Além disso:

I. Verifica-se uma segmentação não convencional na escrita da palavra.

“A gente” separado e “agente” junto são palavras diferentes. Falando no sentido de “nós”, a palavra deve ser segmentada, ou seja, separada. “Agente”, sem a segmentação, possui o sentido de “alguém que atua, opera”.

Quem escreveu “só mente” segmentou a palavra “samente” de maneira não convencional.

III. Ocorre segmentação e acentuação gráfica indevidas na escrita da palavra.

A segmentação é indevida, pois altera o sentido da frase, causando ambiguidade. É preciso considerar que a intenção do autor foi dizer “samente”, de “apenas”. Assim, a acentuação também está incorreta, além da segmentação.

Texto imagético

³Está relacionado à imagem, fazendo uso de outros elementos para construir sentido, tais quais sons, as cores, as formas, e especialmente as imagens. É também conhecido como texto visual.

Sua construção linguística ocorre a partir da imagem em suas diversas formas e proporções. É comum o uso de múltiplas e diversificadas cores, tons, tipografias, formas, formatos e símbolos.

³<https://bit.ly/3Gfj2OF>

Tendo em vista que a imagem exerce um papel anterior a palavra, o texto imagético é um grande gerador de sentidos, pois a observação é capaz de apontar inferências.

Esse tipo de texto considera que elementos gráficos portadores de ideias e conceitos recorrentes de uma linguagem figurativa ou abstrata, que leva em conta o grau de conhecimento de cada pessoa, mesmo que ela não seja capaz de ler, já que com o texto imagético a leitura das experiências sobrepõe a leitura das palavras.

Elementos da Obra Literária

⁴São elementos de uma obra literária o conteúdo e a forma.

- Conteúdo (ou fundo): diz respeito às ideias, aos conceitos, aos sentimentos, aos apelos e às imagens imateriais que as palavras podem transmitir da mente do escritor para a do leitor.

- Forma: diz respeito à expressão linguística, podendo ser a linguagem escrita ou a falada, que é veículo das ideias e dos sentimentos.

Uma obra literária pode ser escrita em prosa ou em versos. A prosa apresenta uma linguagem direta e objetiva. Uma obra literária em prosa é escrita com orações e períodos que formam parágrafos.

Poesia, ou o texto em verso, apresenta uma linguagem subjetiva, impregnada de emoção e sentimento, apresentando ritmo e melodia. Seu objetivo principal é estético, apesar de que, após o Modernismo, a poesia passou a ser mais livre e a abordar vários temas sem apego à métrica.

Uma obra literária é um texto escrito que visa a beleza da forma e a excelência do conteúdo. Tem alto poder sugestivo, com palavras capazes de tocar a sensibilidade do leitor, e de empolgar seu espírito.

Estilo

Cada um possui um estilo, ou seja, um modo típico para expressar seus

pensamentos, sentimentos e emoções, fazendo uso da linguagem.

Cada escritor apresenta um estilo próprio, com uma forma característica para escrever, por meio da qual se manifestam seus impulsos emotivos, sua sensibilidade. Pode-se dizer que o estilo é o espelho que reflete a alma do escritor, uma tela em que a personalidade do artista é projetada.

O estilo pode revelar características psicológicas e culturais da raça e as tendências dominantes das diferentes escolas literárias.

Tendo isso em vista, podemos dizer que o estilo de um autor é clássico, barroco, romântico, modernista, etc. O estilo de um autor é capaz de criar obras marcantes e memoráveis.

O aspecto material ou linguístico, que é externo, são as possibilidades de expressão que a língua permite ao escritor e que ele seleciona a seu gosto e até mesmo recria. O aspecto psíquico, mental, subjetivo, que é interno, são os traços que exprimem a dimensão psicológica do artista, suas tendências, sua maneira de ver e julgar a vida e o mundo em que vive. Esses dois elementos dão origem ao estilo.

Gêneros Literários

Em prosa, temos os seguintes gêneros literários:

- Gênero narrativo: romance histórico; romance psicológico; romance policial; romance de costumes; romance de aventuras; conto; novela; história; fábula; apólogo; crônica; memórias.

- Gênero oratório: oratória acadêmica (discurso); oratória sagrada (sermão); oratória forense; oratória política.

- Gênero dramático: drama; comédia.

- Gênero didático: crítica; ensaio; tratado.

- Gênero epistolar: carta.

- Gênero polêmico: polêmica.

Em verso, temos os seguintes:

⁴CEGALLA, D. P. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São

Paulo: Editora Companhia Nacional, 2020.

- Gênero lírico: poema; soneto; canção; hino; ode; elegia; balada; bucólica.
- Gênero épico: epopeia; poema.
- Gênero dramático: drama; comédia; tragédia.
- Gênero satírico: sátira; epigrama.
- Gênero narrativo: fábula.

Texto não-literário

⁵O texto não-literário possui linguagem objetiva, clara, concisa, e busca informar o leitor sobre um determinado assunto. Para tal, quanto mais simples for o vocabulário e mais objetiva for a informação, mais fácil se dará a compreensão do conteúdo: foco do texto não literário. Possuem denotações, ou seja, o que está escrito é no sentido de dicionários, não permite outras interpretações.

São exemplos de textos não literários: as notícias, os artigos jornalísticos, os textos didáticos, os verbetes de dicionários e enciclopédias, as propagandas publicitárias, os textos científicos, as receitas culinárias, os manuais, etc.

Dica

Para tentar buscar as informações de um texto, é interessante realizar algumas perguntas, como:

O quê?; Quem?; Como?; Quando?; Onde?; Por quê?

O que foi dito no texto? Quem fez isso? Como fez isso? Quando fez isso? Onde fez isso? Por que fez isso?

Nem sempre é possível encontrar todas as respostas, mas é uma dica que facilita bastante a compreensão, sobretudo de notícias.

De olho na ambiguidade

I. Um amigo dizia ao outro: – Sabe o que é, rapaz? A minha mulher não me compreende. E a tua? – Sei lá.

Nunca falei com ela a teu respeito.

II. À noite, enquanto o marido lê jornal, a esposa comenta: – Você já percebeu como

vive o casal que mora aí em frente? Parecem dois namorados! Todos os dias, quando chega em casa, ele traz flores para ela, a abraça, e os dois ficam se beijando apaixonadamente. Por que você não faz o mesmo: – Mas querida, eu mal conheço essa mulher...

III. Um sujeito vai visitar seu amigo e leva consigo sua cadela. Na chegada, após os cumprimentos, o amigo diz:

– É melhor você não deixar que sua cadela entre nesta casa. Ela está cheia de pulgas.

– Ouviu, Laika? Não entre nessa casa, porque ela está cheia de pulgas!

No primeiro item, *tua* diz respeito à mulher do interlocutor e *teu* diz respeito ao interlocutor. Não há ambiguidade, tudo é bastante compreensível.

No segundo item, *o mesmo* foi empregado no sentido de *por que você não faz o mesmo comigo?*, mas sem o *comigo* a expressão fica ambígua, pois pode também indicar *fazer o mesmo que o homem que mora em frente*. É disso que sai o efeito de humor.

No terceiro item, *ela* pode indicar tanto a cadela quanto a casa, por isso há ambiguidade. Claro, quem tem pulgas é a cadela, mas o efeito de humor surge por conta da ambiguidade, podemos entender que é a casa que está cheia de pulgas.

“O fogo aceso pisca para ela e para o homem. Ele, o homem, se ocupa do que ela nem sequer lhe agradece”.

O pronome “ele” poderia também se referir ao “fogo aceso”. Para evitar a ambiguidade, o referente desse pronome, “o homem”, foi inserido para evitar esse problema.

Redundância

A redundância torna difícil a compreensão do texto devido ao uso de ideias e palavras repetidas ou

⁵<https://bit.ly/3QAwKID>

desnecessárias que comprometem a clareza da mensagem.

Para evitar tal repetição, é necessário suprimir palavras supérfluas com o objetivo de sintetizar informações e não comprometer a qualidade do texto.

A repetição pode ser um recurso estilístico para estabelecer a coesão no texto. É utilizada com intenção especial em textos humorísticos, publicitários, literários, etc. Todavia, existem casos em que é preciso evitá-la, para que a linguagem não se torne deslegante, inadequada e monótona.

- Palavras próximas e idênticas: “**O povo exige seus direitos, os direitos do povo** devem ser respeitados”. Seria melhor escrever “O povo exige seus direitos, **que** devem ser respeitados”.

- Repetições exageradas: “**O ministro** apresentou sua proposta de trabalho, mas **o ministro** não foi claro em várias questões e as argumentações **do ministro** não foram aceitas”. Seria melhor “O ministro apresentou **sua** proposta de trabalho, mas **ele** não foi claro em várias questões e **suas** argumentações não foram aceitas”.

Sequência lógico-discursiva

Considere o seguinte trecho inicial do parágrafo de um texto extraído da revista Superinteressante:

Nos anos 1960, uma equipe de arqueólogos encontrou treze corpos enterrados no vale do Sado, no sul de Portugal.

(Disponível em:

<https://super.abril.com.br/ciencia/esqueleto-encontrado-em-portugal-pode-pertencer-a-mumia-mais-antiga-do-mundo/>.)

Os segmentos abaixo dão continuidade a esse trecho inicial, mas estão fora de ordem. Numere os parênteses, identificando a sequência que dá lógica discursiva ao texto.

() Isso o torna a múmia mais antiga de que se tem notícia, batendo o recorde anterior por mil anos.

() Os esqueletos estavam em covas de oito mil anos, o que já os torna uma baita descoberta arqueológica por si só.

() E pasmem: o recorde anterior não era do Egito. Ele pertencia às múmias de sete mil anos do povo Chinchorro, encontradas no deserto do Atacama, no Chile.

() O arqueólogo Manuel Farinha dos Santos tirou fotos em preto e branco, com uma câmera analógica. As fotos foram encontradas e reveladas recentemente.

() Após a análise das imagens e visita ao sítio arqueológico, um grupo de pesquisadores da Suécia descobriu que pelo menos um daqueles corpos foi mumificado.

Assinale a alternativa que apresenta a numeração correta dos parênteses, de cima para baixo.

Resposta correta seria: 4 – 1 – 5 – 2 – 3.

O texto inicial fala que treze corpos foram encontrados. Esses esqueletos (corpos) estavam em covas de oito mil anos. O arqueólogo Manuel Farinha tirou fotos. As fotos foram analisadas, e descobriram que os esqueletos eram de corpos mumificados. Concluiu-se, então, que se trata da múmia mais antiga, batendo recordes. A conclusão do texto fala sobre o recorde anterior, que não era do Egito, local conhecido por possuir muitas múmias.

Questões

01. (Órgão: Prefeitura de São Miguel do Passa Quatro - Médico - OBJETIVA/2022)

Estudo analisa morte por câncer associada ____ exposição laboral

Estudo elaborado pelo Ministério da Saúde indica que, entre 1980 e 2019, mais de 3 milhões de pessoas morreram no Brasil por até 18 tipos de câncer que podem ter sido causados pela exposição ____ produtos, substâncias ou misturas presentes em ambientes de trabalho.

Segundo o Atlas do Câncer Relacionado ao Trabalho no Brasil, ao longo de 39 anos, o Sistema de Informações sobre Mortalidade registrou 3.010.046 óbitos decorrentes desses tipos de câncer. O

resultado, segundo ____ equipe técnica, poderia ser menor, caso mais ações tivessem sido feitas para controlar ou eliminar a exposição dos trabalhadores ____ agentes cancerígenos.

Após uma primeira versão do atlas, publicada em 2018, os pesquisadores voltaram a se debruçar sobre os registros nacionais de câncer de bexiga, esôfago, estômago, fígado, glândula tireoide, laringe, mama, mesotélio, nasofaringe, ovário, próstata, rim e traqueia, brônquios e pulmões. Também são analisados o sistema nervoso central e os casos de leucemias, linfomas não Hodgkin, melanomas cutâneos e mielomas múltiplos.

O objetivo do estudo é contribuir no planejamento e na tomada de decisão nas ações de vigilância em saúde do trabalhador.

Segundo ____ estimativas globais, em 2015, cerca de 30% dos trabalhadores vítimas de doenças associadas ao trabalho morreram em consequência de um tipo de câncer também relacionado ao trabalho. Do total de mortes em consequência dos 18 tipos de câncer, a proporção de óbitos foi 1,4 vezes maior entre os homens.

No caso do câncer de laringe, a diferença chegou a ser sete vezes maior. Além disso, os óbitos relacionados a apenas oito das 18 tipologias selecionadas (pulmão, mama, próstata, estômago, esôfago, fígado, leucemia e sistema nervoso central) representam mais de 80% de todos os falecimentos.

O atlas apresenta uma análise do problema nas cinco regiões brasileiras e informações sobre atividades econômicas e situações de exposição. Há, ainda, recomendações, como a importância da fiscalização dos processos e atividades com potencial cancerígeno e a urgência de estruturação de sistemas de informação e monitoramento capazes de gerar dados sobre os efeitos dos contaminantes ambientais na saúde humana.

“Quando falamos de câncer relacionado ao trabalho, estamos falando de agentes químicos, físicos e biológicos que podem

ser eliminados e substituídos. No Brasil, isso constitui um problema, porque convivemos com agentes que já foram banidos em outros países”, disse a gerente da Unidade Técnica de Exposição Ocupacional, Ambiental e Câncer do Instituto Nacional de Câncer (Inca).

(Fonte: Sul 21 - adaptado.)

De acordo com o texto, analisar os itens abaixo:

I. O atlas não apresenta uma análise individual das regiões do Brasil; traz informações mais relacionadas à preocupação com as atividades econômicas do país.

II. Em 2015, estimativas globais apontavam que entre as vítimas de doenças associadas ao trabalho, cerca de 30% morreram em consequência de um tipo de câncer.

III. Os 18 tipos de câncer apontados no estudo matam mais os homens do que mulheres.

Está(ão) CORRETO(S):

(A) Somente o item I.

(B) Somente o item III.

(C) Somente os itens II e III.

(D) Todos os itens.

02. (TIBAGIPREV - Contador - FAFIPA/2022)

Letra de médico

Na farmácia, presencio uma cena curiosa, mas não rara: balconista e cliente tentam, inutilmente, decifrar o nome de um medicamento na receita médica. Depois de várias hipóteses acabam desistindo. O resignado senhor que porta a receita diz que vai telefonar ao seu médico e voltará mais tarde. "Letra de doutor", suspira o balconista, com compreensível resignação. Letra de médico já se tornou sinônimo de hieróglifo, de coisa indecifrável.

Um fato tanto mais intrigante quando se considera que os médicos, afinal, passaram pelas mesmas escolas que outros profissionais liberais. Exercício da

caligrafia é uma coisa que saiu de moda, mas todo aluno sabe que precisa escrever legivelmente, quando mais não seja, para conquistar a boa vontade dos professores. A letra dos médicos, portanto, é produto de uma evolução, de uma transformação. Mas que fatores estariam em jogo atrás dessa transformação?

Que eu saiba, o assunto ainda não foi objeto de uma tese de doutorado, mas podemos tentar algumas explicações. A primeira, mais óbvia (e mais ressentida), atribui os garranchos médicos a um mecanismo de poder. Doutor não precisa se fazer entender: são os outros, os seres humanos comuns, que precisam se familiarizar com a caligrafia médica. Quando os doutores se tornarem mais humildes, sua letra ficará mais legível.

Pode ser isso, mas acho que não é só isso. Há outros componentes: a urgência, por exemplo. Um doutor que atende dezenas de pacientes num movimentado ambulatório de hospital não pode mesmo caprichar na letra. Receita é uma coisa que ele precisa fornecer - nenhum paciente se considerará atendido se não levar uma receita. A receita satisfaz a voracidade de nossa cultura pelo remédio, e está envolta numa aura mística: é como se o doutor, através dela, acompanhasse o paciente. Mágica ou não, a receita é, muitas vezes, fornecida às pressas; daí a ilegibilidade.

Há um terceiro aspecto, mais obscuro e delicado. É a relação ambivalente do médico com aquilo que ele receita - a sua dúvida quanto à eficácia (para o paciente, indiscutível) dos medicamentos. Uma dúvida que cresce com o tempo, mas que é sinal de sabedoria. Os velhos doutores sabem que a luta contra a doença não se apoia em certezas, mas sim em tentativas: "*dans la médecine comme dans l'amour, ni jamais, ni toujours*", diziam os respeitados clínicos franceses: na medicina e no amor, "sempre" e "nunca" são palavras proibidas. Daí a dúvida, daí a ansiedade da dúvida, da qual o doutor se livra pela escrita rápida. E pouco legível.

[...]

SCLIAR, Moacyr. *A face oculta ? inusitadas e reveladoras histórias da medicina*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2001. [adaptado]

O texto traz suposições acerca dos motivos pelos quais a caligrafia dos médicos seria fruto de uma evolução (ou transformação). Sobre essas teorias, assinale a alternativa que encontra embasamento no texto:

(A) Uma das teorias se baseia na tese de doutorado e atribui a letra ilegível dos médicos ao fato de sua suposta superioridade intelectual em relação a outros profissionais.

(B) O autor acredita que médicos que conscientemente escrevem de forma ilegível não têm dúvidas sobre a eficácia dos medicamentos que estão prescrevendo

(C) Uma das teses afirma que a "letra ilegível" do médico se dá devido a correria em que o médico fornece a receita, por ter que atender muitos pacientes.

(D) Uma suposição levantada pelo autor é a de que os pacientes não dão credibilidade a médicos que têm a letra legível, por isso, é necessário que a prescrição seja datilografada.

(E) Em uma das teorias, o fator humildade é descartado como fator predominante para a letra ilegível, sendo questionado se todos os profissionais têm essa característica.

03. (Prefeitura de Montes Claros - Agente Comunitário de Saúde - COTEC/2022)

Texto 01: Nossa casa, nosso coração

Somos todos cercados por símbolos que influenciam bastante a maneira como vivemos. Que tal partirmos para esta observação por um lugar de fácil reconhecimento para você? Sua casa. O lugar onde você dorme, acorda e faz suas refeições na maioria dos dias. Consegue perceber como ela evidencia a maneira como você vive? Móveis e objetos

acomodados de forma a reforçar aquilo que você acredita?

De certa maneira, antigas habitações eram pensadas assim também. Porém, com um detalhe importante: sua construção acontecia de forma que não interagisse somente com o habitante, mas também com a natureza. Um desenho planejado em relação aos pontos cardeais, ao vento, ao nascer e pôr do sol, aos rios e florestas. Criado para que não agredisse ambos. Nem o homem e nem a natureza. Verdadeiros templos convidativos à elevação da consciência humana. Uma técnica que infelizmente já não utilizamos mais.

Assim, ao longo dos anos, infelizmente deixamos de lado essa sabedoria e passamos a construir casas nada adequadas para nós, seres humanos. Edificações incapazes de interagir com a natureza externa e principalmente interna. Casas cada vez mais sem sintonia e distantes do que necessitamos, afetando diretamente nosso modo de viver.

Curiosamente, a maioria dos animais não necessita de uma casa como nós seres humanos necessitamos. Edificamos nossas casas para nos retirar e garantir nossa intimidade. Algo que nos ajude a reciclar harmoniosamente. Feito para voltar, descansar, e assimilar o que se passou no dia. Sem esse momento, seria impossível absorver tantas ações diárias.

Assim como a natureza que amplia e recolhe, expandimos durante o dia saturados com tantas informações, para nos aconchegarmos durante a noite em nossos refúgios. E seguir heroicamente em frente [...]

Fonte: AVEZEDO, Clô. Nossa casa, nosso coração. Disponível em: <https://vidasimples.co/colunistas/nossa-casa-nosso-coracao/>. Acesso em: 12 maio 2022. Adaptado.

De acordo com o texto, é **CORRETO** afirmar que

(A) Na atualidade, se observa que as casas são construídas com a preocupação de serem adequadas às necessidades daquele que a habita.

(B) no decorrer do tempo, o homem, na edificação das casas, conservou a sabedoria de proteger tanto a natureza como a si mesmo.

(C) assim como o homem, a maioria dos animais necessita de uma casa, lugar para onde voltar, aconchegar-se, enfim, descansar das ações diárias.

(D) com o passar do tempo, as casas deixaram de ser um espaço de interação do homem com a natureza e do homem consigo mesmo.

(E) independentemente de como elas são construídas, as casas, com certeza, refletem a personalidade do seu habitante em perfeita sintonia.

04. (Prefeitura de Montes Claros - Agente Comunitário de Saúde - COTEC/2022)

Texto 02: Os eremitas contemporâneos

Viver no isolamento de tudo e de todos sempre fez parte do imaginário humano. À medida que o progresso nos engole e atropela com novas obrigações e compromissos, uma parte de nós começa a idealizar uma vida diferente de tudo que nos cerca.

Imaginamos uma vida em uma cabana, no meio da natureza, vivendo em regime de subsistência, sem os luxos e comodidades da vida moderna, mas com tempo, autonomia e paz. Será que isso é possível?

E se eu contar a você que tem muita gente jogando tudo para o alto e transformando em realidade o que sempre nos pareceu uma fantasia?

Não estou me referindo àqueles que, no auge da pandemia, se mudaram para suas casas no interior ou no litoral. Esse movimento migratório, bem documentado durante os anos 2020 e 2021, foi um experimento forçado pelo isolamento social que nos foi imposto, e que agora que os escritórios começam a reabrir, e a vida começa a voltar ao normal, terá sua prova de fogo.

Estou falando dos eremitas contemporâneos, que escolheram viver *off-the-grid*, ou “fora do sistema”, em tradução livre.

São pessoas que, em sua maioria, se cansaram da vida nas grandes cidades, valorizam um estilo de vida mais saudável, estão conectadas com a sustentabilidade do planeta, e cultivam um espírito aventureiro e, por que não, rebelde (no melhor sentido). [...]

Adeptos deste estilo de vida relatam que viver fora do sistema nos conecta com nossa insignificância diante do planeta. Imersos na natureza, respeitando o ritmo do dia e da noite, expostos aos fenômenos do clima sem a (falsa) sensação de proteção que as cidades nos proporcionam, é um exercício de humildade, que nos torna conscientes de que quase nada está sob nosso controle. [...]

Por outro lado, é esse mesmo sentimento de impotência que nos força a ser resilientes: com recursos limitados, somos obrigados a ser criativos na resolução de problemas, habilidosos na execução e vigilantes na antecipação de riscos. Quem vive fora da rede se sente quase sempre autossuficiente.

Fonte: JÁNER, Andrea. *Os eremitas contemporâneos*. Disponível em:

<https://vidasimples.co/colunistas/da-para-ser-autossuficiente-e-viver-forado-sistema/>. Acesso em: 12 maio 2022. Adaptado.

Como o texto 01, o texto 02 aborda, como um dos temas,

(A) a rejeição de alguns ao conforto da vida urbana moderna.

(B) a preferência de muitos por viverem em total isolamento.

(C) a sabedoria trazida pela vida em contato com a natureza.

(D) a resiliência adquirida por quem vive longe do progresso.

(E) a insegurança proveniente de se viver fora do sistema.

Gabarito

01.C - 02.C - 03.D - 04.C

Sinônimos e antônimos. Sentido próprio e figurado das palavras.

Sinônimo

A sinonímia é o fato linguístico de existirem sinônimos. Essa palavra também designa o emprego de sinônimos.

Quando falamos em sinônimos, estamos falando sobre palavras que apresentam sentido igual ou aproximado. Por exemplo:

Moço - Rapaz

Garota - Menina

Bonito - Belo

Morte - Falecimento

Apesar de, na maioria das vezes, o uso de um ou outro ser indiferente, é preciso lembrar que há algumas diferenças entre os significados, por vezes sutis.

Certos sinônimos apresentam um sentido mais amplo, outros, mais restrito. Há também contextos nos quais os sinônimos se encaixam melhor, como numa linguagem mais culta, literária ou científica. Quando falamos “oculista” e “oftalmologista”, pensamos no médico profissional dos olhos. Apesar de possuir o mesmo significado, “oculista” é um termo menos científico e menos formal. O mesmo vale para “argênteo”, que significa o mesmo que “prateado”, contudo, é empregado com maior frequência no contexto literário.

Outro exemplo é a palavra “transformação” e “metamorfose”. A primeira apresenta um significado mais amplo, a segunda, mais restrito. Quando falamos “fulano passou por uma metamorfose”, estamos fazendo uso de uma de uma metáfora. Sim, metamorfose significa “transformação”, mas está mais relacionada ao processo, por exemplo, da lagarta se tornar borboleta.

Certos sinônimos podem variar em grau. Por exemplo, posso dizer “menina bonita” e “menina linda”. Note, porém, que a segunda opção apresenta um maior grau de

beleza, já que “linda” está um pouco acima de “bonita”.

Por outro lado, existem diversos pares sinônimos que são praticamente “perfeitos”:

- adversário e antagonista;
- alfabeto e abecedário;
- após e depois.

É interessante analisar o **contexto** no qual a palavra foi empregada e entender seu significado pela lógica e, claro, entendendo o significado da palavra.

“As histórias falavam de deuses, monstros, heróis, profetas, reis e rainhas, o personagem comum era apenas **figurante**.”

No contexto acima, a palavra em destaque quer dizer “pessoa que ocupa um papel secundário ou insignificante”.

“Hoje vivemos o **ápice** de uma forma social individualista”.

A palavra destacada, no contexto acima, apresenta o sentido de “grau mais elevado, culminância”.

“Ele não quer saber de sabichões de jornais, de cientistas e sua fala complexa, ele quer os seus **coetâneos** que estão no YouTube.”

A palavra em destaque, no contexto acima, tem o sentido de “da mesma época, contemporâneo”.

“O homem comum não se **dobra** aos saberes tradicionais”.

Um sinônimo para a palavra acima destacada é **curva**, pois *se dobrar* e *se curvar* possuem o mesmo sentido.

“Agora é a vez dele de **desenhar** a narrativa de como o mundo é.”

A palavra acima destacada poderia ser substituída por **delinear**, pois, dentro desse contexto, apresentam o mesmo sentido, são sinônimas. Delinear é *desenhar traços, contornos*, mas pode ter o sentido de *planejar*. Quem *desenha* uma narrativa, *planeja* uma narrativa.

Esse sentido da palavra dentro do contexto é seu **valor semântico**. As preposições, por exemplo, podem apresentar diferentes valores semânticos em diferentes contextos.

“Consegui, **com** muito esforço, comprar minha casa própria”. (*com* apresenta valor de **causa**, pois a causa de conseguir a casa própria é *com muito esforço*)

“Vou com meu tio Zé”. (*com* apresenta valor de **companhia**, pois a pessoa vai junto com o tio Zé, na companhia dele)

“Me cortei com a navalha”. (*com* apresenta valor de **instrumento**, pois foi com o instrumento navalha que me cortei)

“Moro a poucos metros da padaria”. (*a* apresenta valor de **distância**, pois marca a distância entre a padaria e onde moro)

“O livro está sobre a mesa.” (*sobre* tem sentido de **lugar**, pois sobre a mesa é o lugar onde o livro está)

“Conversou sobre Língua Portuguesa”. (*sobre* tem valor de **assunto**, pois o assunto da conversa foi língua Portuguesa)

“**Em vez disso**, dê minha visão ao homem que nunca viu o nascer do sol, o rosto de um bebê ou o amor nos olhos da pessoa amada”.

Seria um sinônimo para a expressão destacada *No lugar disso*. *Invés* que não poderia ser utilizado, já que a preposição utilizada foi **de**. *Igual a isso* também não caberia, já que a expressão original indica algo diferente, não igual.

“**Postergação** (Adiamento) de manutenção de equipamentos”;

“O que seria algo **inédito** (sem precedentes)”;

“Ampliar a **resiliência** (capacidade de recuperação) do sistema”.

A palavra “segregando” é sinônimo de:

Afastando (mesma ideia de afastamento, distanciamento); *Apartando* (quem aparta uma briga, por exemplo, afasta os brigões); *Isolando* (algo afastado é algo isolado); *Separando* (separar, agastar, distanciar).

Mas não poderia ser sinônimo de “agregando”, pois *agregar* transmite a ideia

de juntar, trazer para perto, isto é, uma ideia oposta.

Antônimo

A antonímia é uma relação de oposição entre o significado de dois termos. Sendo assim, os antônimos são aquelas palavras que apresentam significados opostos, ao contrário do que acontece com os sinônimos.

Por exemplo:

Claro - Escuro

Quente - Frio

Bom - Mau

Bem - Mal

A mesma dica sobre a contextualização e grau (apresentada no uso dos sinônimos), vale para o uso dos antônimos. Por exemplo, “destruído” e “quebrado” são antônimos de “inteiro”. Podemos dizer que o segundo é um antônimo mais imediato, todavia, o primeiro também é válido, mas apresenta um maior grau. Algo destruído está arrasado, algo quebrado, por sua vez, pode até ser consertado.

Leia as seguintes passagens:

“Na economia amorosa, só existe pagamento **à vista**, missa de corpo presente. O amor não **se parcela**...”

“Não existe essa de amor só **amanhã**, como na placa do fiado do boteco. Amor é **hoje**...”

“Amor não se **sonega**, amor é tudo a **declarar**”.

Na organização e estruturação das informações no texto, conclui-se corretamente que, em cada par de expressões destacadas, as relações entre as ideias se baseiam no sentido de

- (A) consequência.
- (B) analogia.
- (C) harmonia.
- (D) semelhança.
- (E) discrepância.

A alternativa correta é a “E”. Temos casos de antonímia, de ideias diferentes.

Um pagamento pode ser feito à vista (integralmente), ou pela ideia oposta, a prazo (parcelado, em várias vezes).

Se algo é hoje, esse algo não pode ser amanhã. Veja como há um sentido de assimetria, uma discrepância.

Algo que é declarado não pode ser sonogado, pois quem sonega, esconde; quem declara, expõe.

Sentido Próprio e Figurado

Quando a palavra é utilizada em seu sentido original, literal, então foi empregada em seu sentido próprio. Quando a palavra é utilizada de modo simbólico, fora de seu contexto original, ela está sendo utilizada em seu sentido figurado.

A estrutura é feita de puro *aço*. (é feita do metal)

Ele tinha punhos de *aço*. (fora do contexto original, ninguém tem punhos de aço, mas há quem tenha punhos bem fortes, como o aço)

Denotação e Conotação

O uso de uma palavra pode **denotar** ou indicar somente uma coisa, seu sentido próprio, sentido denotativo.

O *Sol* é uma estrela. (sentido literal da palavra, apenas denota o astro)

Mas o uso de uma palavra pode indicar outros sentidos, evocar outras ideias. Essa seria a conotação, sentido conotativo.

Ele é meu *sol*. (pode indicar que a pessoa é a alegria da outra, assim como o Sol ilumina o dia, a pessoa ilumina a vida da outra)

Na fala de Joana “Eu sabia que era cilada”, tendo em vista o termo “cilada”, observa-se o uso da linguagem informal e conotativa. “Cilada” é um termo informal ou coloquial. Possui sentido de “ser uma armadilha”, de “ter alguma coisa por trás”. Desse modo, possui um sentido figurado (conotativo).

Questões

01. (Prefeitura de Nova Hartz - Auxiliar Administrativo - OBJETIVA/2022) Assinalar a alternativa que apresenta antônimos:

- (A) Débil - frágil.
- (B) Cômico - melancólico.
- (C) Certo - garantido.
- (D) Triste - enfadado.

02. (Prefeitura de Simão Dias - Auxiliar de Serviços Gerais - Objetiva Concursos/2022)

Em relação aos sinônimos das palavras, marcar C para as sentenças Certas, E para as Erradas e, após, assinalar a alternativa que apresenta a sequência CORRETA:

- () “Fácil” é um sinônimo de “laborioso”.
 - () “Ligeiro” é um sinônimo para “fugaz”
 - () “Nocivo” é um sinônimo de “inócuo”.
- (A) C - E - C.
 - (B) E - C - E.
 - (C) C - C - E.
 - (D) E - E - C.
 - (E) E - C - C.

03. (Prefeitura de São José da Coroa Grande - Professor do ensino Fundamental - UPENET/IAUPE/2023)

Em qual alternativa inexistente Conotação?

- (A) Marisa está uma fera com os colegas.
- (B) Antonino é um cachorro, segundo fala dos amigos.
- (C) Você tem um coração de pedra.
- (D) Ele era o sol da vida de Amanda
- (E) Em aula, o professor expôs aos alunos os ossos do crânio.

Gabarito

01.B - 02.B - 03.E

Pontuação.

Vírgula

Separa elementos de uma oração e orações de um só período. No interior da oração:

- Separa elementos que desempenham a mesma função sintática (complementos, sujeito composto, adjuntos), caso não estejam unidos pelas conjunções *e*, *ou* e *nem*:

No céu fosco, pelo vão da janela, as estrelas ainda brilhavam. (C. D. de Andrade)

- Separa elementos que desempenham funções sintáticas variadas, visando realçá-los.

- Isolando o aposto, ou outro elemento de valor simplesmente explicativo:

Jonas, o jogador, é um craque.

- Isolando o vocativo:

Cara, desse jeito não dá.

- Isolando o adjunto adverbial antecipado:

Depois de um belo almoço, retornei ao trabalho.

- Isolando os elementos repetidos:

O pão está quentinho, quentinho.

A vírgula pode ser empregada no interior da oração para:

- Separar, na datação, o nome do lugar:

Júnior Almeida, 09 de outubro de 2001.

- Indicar a supressão de uma palavra (normalmente o verbo) ou de um grupo de palavras:

Veio a chuva; com ela, o frio.

A vírgula entre orações.

- Separa as orações coordenadas assindéticas:

Deitava-me, dormia, sonhava.

- Separa as orações coordenadas sindéticas, menos aquelas introduzidas pela conjunção *e*:

Terminara a refeição, mas continuava com fome.

- As orações coordenadas unidas pela conjunção *e*, e que possuem sujeito diferente, são separadas por vírgula:

A senhora sorria calidamente, e o menino correspondia ao sorriso.

- Quando a conjunção *e* é reiterada, o comum é separar as orações introduzidas por ela:

E nasce, e cresce, e vive, e falece.

- A conjunção adversativa *mas* deve vir no início da oração, diferente das demais, que podem vir tanto no início como depois de um de seus termos. No primeiro caso, a vírgula ocorre antes da conjunção; já no segundo, é isolada por vírgulas:

Faça o que bem entender, mas saiba dos riscos.

Faça o que bem entender, porém saiba dos riscos.

Faça o que bem entender, saiba, todavia, dos riscos.

- Se a conjunção conclusiva *pois* estiver proposta a um termo da oração a que pertence, deverá ser isolada por vírgulas:

Veste roupas alviverdes; é, pois, palmeirense.

- Isola orações intercaladas:

Caso eu vá mais cedo, pensou consigo, todos acharão esquisito.

- Isola orações subordinadas adjetivas explicativas:

Senhor, que lavras a terra, descansa um pouco.

- Separa orações subordinadas adverbiais, sobretudo se antepostas à principal:

Quando meu irmão voltou da Europa, trouxe presentes para a família.

- Separa orações reduzidas de particípio, de gerúndio e de infinitivo, caso se equivalham a orações adverbiais:

Escondido no canto, observava-os com atenção.

Não obtendo sucesso, entristeceu-se.

Ao abrir a porta, já sabia o que encontraria.

“O homem, como não era donzela, que cumprisse, então, a sua missão de cuidar do fogo.”

As vírgulas estão aplicadas corretamente. As duas primeiras vírgulas isolam uma oração subordinada adverbial causal (o “como” equivale à locução causal “já que”). As duas seguintes isolam o advérbio “então”. Trata-se de um termo de natureza adverbial e, salvo raras exceções, termos de natureza adverbial podem ser sempre isolados dos demais elementos constituintes da oração.

Importante lembrar que:

- Não se separa sujeito do verbo.

- Não se separa verbo do seu complemento.

A pontuação diferente pode mudar o sentido da frase:

“Retificadas as placas, pelo síndico será marcada uma reunião para discussão de outros problemas do prédio”. / “Retificadas as placas pelo síndico, será marcada uma reunião para discussão de outros problemas do prédio”.

Há alteração de sentido, pois no primeiro período quem marca a reunião é o síndico, já no segundo período, o síndico retifica as placas.

“É necessário corrigir essas placas de aviso, que estão com emprego inadequado de palavras”. / “É necessário corrigir essas placas de aviso que estão com emprego inadequado de palavras”.

Há mudança de sentido, visto que no primeiro período há uma oração subordinada adjetiva explicativa, já no

segundo período, existe uma oração subordinada adjetiva restritiva, que são orações introduzidas por pronomes relativos.

Com vírgula = Explicativa

Sem Vírgulas = Restritivas

IMPORTANTE LEMBRAR

- Qualquer oração, ou termo de oração, com valor puramente explicativo é pronunciada entre pausas. Sendo assim, são isolados por vírgula.

- Os termos essenciais e integrantes da oração são interligados sem pausa. Desse modo, não podem ser separados por vírgula. Sendo assim, não se utiliza vírgula entre uma oração subordinada substantiva e a sua principal.

Ponto

- Indica o fim de uma oração declarativa, tanto a absoluta, quanto a derradeira de um período composto:

Nada pode contra a seleção brasileira. Nada pode contra essa equipe que encanta o mundo há gerações e gerações.

- É utilizado ao final das orações independentes, sendo chamado de ponto simples.

Faz calor. Há chuva. Parece que o verão começou.

- Ao final de cada oração ou período que, ligados pelo sentido, representarem desdobramentos de somente uma ideia central (não desencadeando, portanto, mudança do teor do conjunto).

“Cálido, o estio abrasava. No esplendor cáustico do céu imaculado, o sol, dum brilho intenso de revérbero, parecia girar vertiginosamente, espalhando raios em torno. Os campos amolentados, numa dormência canicular, recendiam a coivaras...” (Coelho Neto)

- O ponto simples também é utilizado em abreviaturas:

Sr.

Sra.

- Na escrita, quando um grupo de ideias é encerrado e quer-se passar para o seguinte, um novo parágrafo é iniciado. O ponto parágrafo é o que marca essa mudança. Ele é o ponto que marca o fim do parágrafo, com o próximo grupo de ideias tendo início na próxima linha, num novo parágrafo.

- O ponto que finaliza o escrito é chamado de ponto final. É o último ponto, ao final do texto.

Ponto e Vírgula

- É utilizado para separar orações coordenadas de certa extensão:

“Logo após pegou o pacote vermelho; entregou seu conteúdo ao amigo, ficando apenas com a embalagem”.

- Utilizado para separar as séries ou membros de frases já interiormente separadas por vírgulas.

“Uns estudam, ralam, labutam; outros, descansam, curtem, viajam”.

- Usado para separar os diversos itens de enunciados enumerativos (em leis, decretos, portarias, regulamentos, etc.).

Art. 16. O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

I - ir, vir e estar nos logradouros públicos e espaços comunitários, ressalvadas as restrições legais;

II - opinião e expressão;

III - crença e culto religioso;

IV - brincar, praticar esportes e divertir-se; (...)

(Estatuto da Criança e do Adolescente)

- A palavra que vem após o ponto e vírgula deve ser minúscula, já que uma nova sentença não foi iniciada.

Dois Pontos

São utilizados:

- Antes de uma citação:

Como afirma o artigo 2º do ECA: “Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

- Antes de apostos discriminativos.

Duas coisas me impressionaram naquele país: a educação do povo e a limpeza das ruas.

- Antes de orações apositivas:
Eu só peço o seguinte: tenha cuidado.

- Para indicar um esclarecimento, um resultado, ou resumo do que foi dito:

Resumindo: faça tudo o que ele pediu.

*Os subtítulos de obras são marcados por dois pontos, já que, geralmente, possuem um caráter explicativo.

Batman: O Cavaleiro das Trevas

- Para anunciar a fala de personagens nas obras de ficção:

“Ela acudiu pálida e trêmula, cuidou que me estivessem matando, apeou-me, afagou-me, enquanto o irmão perguntava:

— Mana Glória, pois um tamanhão destes tem medo de besta mansa?”
(Machado de Assis)

Ponto de Interrogação

- Utilizado no fim das orações ou frases para indicar uma pergunta direta:

Conte-me tudo. O que foi que ela fez?

- Pode ser utilizado entre parênteses, ao final de uma pergunta intercalada:

Ontem o Corinthians (alguém duvidada?) perdeu mais um jogo.

- Se a pergunta envolver dúvida, é comum utilizar reticências após o ponto de interrogação:

E?... como pôde?... o Antônio?...

- Caso a pergunta denote surpresa, ou não possua endereço nem resposta, utiliza-se a combinação de interrogação e exclamação:

Como é que é?!

- Ao final de perguntas indiretas, o ponto de interrogação não é utilizado:

Quero saber quem foi. Perguntei quem foi.

Ponto de Exclamação

- Utilizado depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas:

Meu Deus! Que Susto!

- Utilizado depois de um imperativo:
Por aqui. Venha logo!

- Pode substituir a vírgula depois de um vocativo enfático:

São Pedro! mande chuva para nós.

Reticências

Podem ser utilizadas:

- Para indicar, por parte do narrador ou personagem, uma pausa numa ideia iniciada, mostrando que o mesmo passou a outras considerações:

— Se eu pego ele... Não contem nada para ele, vamos deixar as coisas como estão por enquanto.

- Para indicar uma hesitação, dúvida, surpresa, ou inflexões emocionais daquele que fala:

Quis beijá-la... Não consegui... Comecei a tremer... e saí correndo...

- Para indicar uma ideia incompleta ao final de uma frase:

Mas é isso: as marcas na sala, a taça sobre a mesa... Fui tapeado!

- Para indicar uma interferência em um diálogo, por exemplo, quando um personagem está conversando e outro interrompe sua fala:

— Ora, mas você não pode estar pensando que eu...

— É exatamente isso o que estou pensando, e digo mais...

— Calma! Deixe-me explicar o caso!

- Para realçar uma palavra ou expressão, a mesma pode vir “cercada” de reticências:

E o cãozinho... Pobrezinho... Parece que ninguém quer adotar animais nesta cidade.

- Para indicar a supressão de um trecho de uma citação.

É importante “[...] destacar que o pesquisador há de tomar cuidado com o uso de estrangeirismos, utilizando-os somente nos casos de indisponibilidade de vocabulário equivalente na língua portuguesa”. (MEDEIROS, 1999, p. 205)

Aspas

São utilizadas para:

- No início uma citação textual:

E disse Sigmund Freud: “o sonho é a estrada real que conduz ao inconsciente”.

- Dar ênfase ou evidenciar uma expressão:

O tal “trabalho” que ele fez não vale um centavo!

- Indicar estrangeirismos, neologismos, arcaísmos, gírias ou expressões:

Ele estava meio que numa “bad”.

Chávez, com 58 anos, é uma figura doente e fugidia, que hoje representa o “establishment”.

- Indicar o título de obras, jornais, mídias:

O livro “Dom Casmurro” foi escrito por Machado de Assis.

- Para realçar uma palavra ou expressão imprópria; às vezes com objetivo irônico ou malicioso.

Ele reagiu impulsivamente e lhe deu um “não” sonoro.

Parênteses

- Indicam, no texto, uma explicação ou reflexão referente àquilo que se diz:

E o meu irmão (aquele pestinha) quebrou o vaso que estava sobre a mesa.

- Indicam nota emocional, expressa geralmente de maneira exclamativa, ou interrogativa:

Havia a escola, que era azul e tinha

Um mestre mau, de assustador pigarro...

(Meu Deus! que é isto? que emoção a minha

Quando estas coisas tão singelas narro?)
(B. Lopes)

*Também é usada para indicar o autor de uma frase ou citação, como no exemplo acima.

Colchetes

São usados para:

- Na transcrição de textos alheios, indicar um acréscimo do autor, de caráter complementar e didático:

“A [palavra] do meio é a correta”.

- Em uma referência bibliográfica, para indicar uma informação que não está presente na obra:

ALENCAR, José de. O Guarani. 2 ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Editor [1864].

Travessão

- Indica o início da fala de uma personagem e também a mudança de interlocutor, daquele que fala:

— Então, como foi a festa?

— Estava esplendida minha cara, esplendida!

- Isola, com travessão duplo, palavras ou frases:

E ele fez — mesmo que sem vontade — todo o dever de casa.

Em orações e expressões intercaladas, o travessão é capaz de substituir a vírgula, os parênteses, os colchetes ou os dois-pontos, separando-as da oração principal:

Um grupo de alunos do Ensino Médio — muito barulhentos — adentrou o museu no qual fazíamos uma visita.

Meu avô — o sanfoneiro — vai tocar na praça.

- Pode dar ênfase à parte final de uma frase:

Por maiores que sejam os desejos e necessidades, o povo só quer mesmo uma coisa — um país melhor.

Asterisco

- Remete a uma nota de rodapé, ou, nos dicionários, a um verbete.

- Esconde um nome próprio que não se quer mencionar:

O Sr. M* disse às pessoas...

Questões

01. (MPE/GO - Secretário Auxiliar - MPE/GO/2022) Assinale a frase escrita em desconformidade com a norma-padrão da língua portuguesa quanto ao emprego da vírgula.

(A) O presidente do procedimento investigatório criminal declarará, a qualquer tempo, seu impedimento ou suspeição.

(B) Durante a tramitação da investigação, o interessado poderá arguir o impedimento ou a suspeição do presidente do procedimento investigatório criminal.

(C) A arguição de suspeição ou de impedimento será formalizada em peça própria, acompanhada das respectivas razões, e instruída com a prova do fato constitutivo alegado, sob pena de não conhecimento.

(D) Recebida a arguição será autuada, em apartado e apensada aos autos principais.

02. (Prefeitura de Nova Hartz - Técnico de Enfermagem - OBJETIVA/2022) Em relação à pontuação, assinalar a alternativa CORRETA:

(A) Ele disse por, que estava com dúvidas sobre o conteúdo.

(B) Maria, e Cleide, disseram que iriam buscar João na estação.

(C) Ele foi preso, visto que, ameaçou sua esposa.

(D) O presidente da empresa, Ramiro, disse que estávamos de folga.

03. (Prefeitura de Guaratinguetá - Engenheiro Agrônomo - VUNESP/2022) Assinale a alternativa em que o emprego da vírgula na frase redigida a partir do texto

está em conformidade com a norma-padrão da língua.

(A) Os atores de *Hollywood* fazem, seu registro, ao deixarem as marcas das mãos na calçada da fama.

(B) A busca por reconhecimento social tem movido, grande parte, da sociedade contemporânea.

(C) Mesmo pessoas com trabalho e família, se estão no anonimato, sentem-se socialmente desprestigiadas.

(D) Ao observarem a exaltação, às personalidades da mídia, as pessoas anônimas sentem-se desprestigiadas.

(E) Quando faz uma intervenção pichando um muro, o pichador está querendo, registrar a sua presença.

Gabarito

01.D - 02.D - 03.C

Classes de palavras: substantivo, adjetivo, numeral, artigo, pronome, verbo, advérbio, preposição e conjunção: emprego e sentido que imprimem às relações que estabelecem.

As classes de palavras, ou classes gramaticais, classificam, agrupam e apresentam as funções das palavras da Língua Portuguesa. A análise de cada uma das classes de maneira isolada faz parte da morfologia. A análise de seus usos e funções dentro de uma oração faz parte da sintaxe. Aqui você estará estudando tanto as classes de palavras no nível da morfologia quanto no nível da sintaxe, ou seja, será um estudo morfossintático.

O substantivo, o artigo, o adjetivo, o numeral, o pronome e o verbo são classes variáveis, ou seja, flexionam. Costuma-se chamar, com exceção do verbo, a flexão dessas classes de flexão nominal. A flexão verbal é, obviamente, a flexão dos verbos.

As demais classes são invariáveis, ou seja, não flexionam.

SUBSTANTIVO

Com o substantivo, nomeamos coisas e seres em geral. São substantivos: nomes de pessoas, animais, coisas, lugares, vegetais, instituições.

Uma palavra de outra classe que desempenhar alguma dessas funções terá a equivalência de um substantivo.

O substantivo pode ser **concreto** quando se refere a coisas reais, concretas. Quando o substantivo se refere a alguma ação, ação, qualidade ou estado (coisas que não são concretas), ele será **abstrato**.

gato e *árvore* são concretos;

consciência e *instrução* são abstratos.

Quando for possível utilizar o substantivo para se referir a uma totalidade ou a uma abstração, ele será **comum**. Caso faça referência a um indivíduo em específico, será **próprio**.

homem, *casa* e *país* são comuns, pois fazem referência a uma totalidade;

José, *Londres* e *Brasil* são próprios, pois José é um indivíduo único, e só há uma Londres, assim como um Brasil.

Quando o substantivo possui apenas um radical, ele é simples: *bola*, *cola*.

Quando possui mais de um radical, é composto: *guarda-roupas*, *cachorro-quente*.

Quando o substantivo deriva de alguma palavra, ele é **derivado**: *pedreiro*, que deriva de *pedra*, ou seja, um substantivo **primitivo**, visto que não deriva de nenhuma outra palavra.

Quando indicar um conjunto de uma mesma espécie, temos um **substantivo coletivo**:

turma ou classe: de alunos;

elenco: de atores;

banda: de músicos;

caravana: de viajantes;

tripulação: conjunto de pessoas que guarnecem um navio, ou conjunto das pessoas que trabalham numa aeronave;

matilha: de cães;

fato: de cabras;

rebanho: de ovelhas;

vara: de porcos;

fauna: de animais de uma determinada região;

flora: de plantas de uma determinada região;

restia: de alhos;

olival: de oliveiras (planta);

frota: de carro;

feixe: de lenha;

resma: de papel.

Algumas palavras podem se tornar substantivos quando um artigo vier antes delas:

O *cair* da noite é lindo. (o verbo, aqui, não possui função de verbo, mas tornou-se um substantivo e sujeito da oração)

A *bonita* pensa que é quem? (o adjetivo tornou-se substantivo)

Os substantivos podem flexionar em **gênero**: *feminino* e *masculino*. O mais comum é o masculino terminar com *o* átono e o feminino com *a* átono.

Existem substantivos *sobrecomuns*, que são aqueles que só possuem um gênero tanto para o masculino, quanto para o feminino: a criança, a pessoa, a vítima, o algoz, o cônjuge, etc.

Existem os *epícenos*, que possuem apenas um gênero para animais de ambos os sexos: a águia, a baleia, o besouro, o condor.

Existem aqueles com apenas um gênero para nomear coisas: o vento, a rosa, a alface, a alma, o livro.

Existem alguns que terminam com *a* mas são masculinos: o clima, por exemplo.

Existem aqueles com apenas uma forma para ambos os gêneros. O que indicará o gênero será o artigo que precede o substantivo: o agente, a agente; o jornalista, a jornalista; o artista, a artista; etc.

Certos substantivos possuem formas exclusivas para o masculino e para o feminino, sendo pares opostos semanticamente: cabra/bode; boi/vaca; homem/mulher; cavalo/égua; etc.

Em muitos casos, o feminino acontece quando se suprime a vogal temática **o** ou **e**: mestre, mestra; lobo, loba.

Existem casos nos quais o masculino termina em **ão**. O feminino pode aparecer com **ao**: leão, leoa; pavão, pavo; anfitrião, anfitriã (anfitriã); etc.

Com **ã**: cortês, cortesa; alemão, alemã; pagão, pagã; etc.

Com **ona**: respondão, respondona; valentão, valentona; solteirão, solteirona; etc.

Existem casos que não seguem essas regras: cão/cadela; ladrão/ladra; barão/baronesa; etc.

Alguns substantivos apresentam gênero duplo: a personagem, o personagem; a pijama, o pijama; a agente, o agente; a colega, o colega, etc.

Quando for masculino, é antecedido pelo artigo **o** ou **os**. Caso seja feminino, pelos artigos **a**, **as**.

O menino.

A menina.

Também podem flexionar em **número**, indicando singular ou plural. A letra **s** (às vezes **es**) marca o plural.

Menino, singular;

Meninos, plural.

Quando terminar em vogal ou ditongo, o **s** marca o plural: pai, pais; café, cafés.

Quando terminar em **em**, **im**, **om**, ou **um**, o **s** marca o plural: harém, haréns; capim, capins; dom, dons; atum, atuns. (repare que o **m** sai para a entrada de **n + s**).

Quando terminar em **r**, **z**, **n** ou **s**, o **es** marca o plural: lugar, lugares; paz, pazes; abdômen, abdômenes (ou abdomens); inglês, ingleses.

Quando terminar em **al**, **el**, **ol**, **ul**, o **l** dá lugar para **is**: real, reais; anel, anéis; lençol, lençóis; paul, paus.

Quando terminar em **il**, caso seja tônico, dá lugar para **is**, caso seja átono, para **eis**: fuzil, fuzis; réptil; répteis.

Quando terminar em **ão**, o plural pode ser marcado por:

ões: balão, balões; peão, peões; atenção, atenções; patrão, patrões; confissão, confissões, etc.

ãos: cidadão, cidadãos; grão, grãos; acórdão, acórdãos; sacristão, sacristãos, etc.

ães: pão, pães; guardião, guardiães; tabelião, tabeliães; etc.

Certos substantivos só são usados no plural, como: óculos, núpcias, copas (naipes de baralho), etc.

No caso dos diminutivos **-zinho** e **-zito**, o **s** deve sair para a entrada dos sufixos: pés, pezinhos.

No caso dos substantivos compostos, o plural pode ocorrer nos dois elementos unidos por hífen:

- Quando houver dois substantivos:

tio-avô - tios-avôs

- Quando houver um substantivo e um adjetivo:

água-viva - águas-vivas

- Quando houver um adjetivo e um substantivo:

curta-metragem - curtas-metragens

- Quando houver um numeral e um substantivo:

terça-feira - terças-feiras

*Existem exceções à regra:

grão-mestres, grã-cruzes, grã-finos, terra-novas, claro-escuros (ou claros-escuros), nova-iorquinos, os nova-trentinos, são-bernardos, são-joanenses, cavalos-vapor.

A variação pode ocorrer apenas no último elemento:

- Quando não houver hífen unindo as palavras:

girassol - girassóis

- Quando houver um verbo e um substantivo:

lava-louça - lava-louças

- Quando houver palavra invariável e uma variável:

recém-nascido - recém-nascidos

- Quando a segunda palavra for uma repetição da primeira:

bate-bate - bate-bates

A variação pode acontecer somente no primeiro elemento:

- Quando houver um substantivo, uma preposição e outro substantivo:

mão-de-vaca - mãos-de-vaca

- Quando o segundo elemento determinar ou limitar o primeiro, apontando uma semelhança, um tipo ou fim, como se fosse um adjetivo:

peixe-boi – peixes-boi

Os dois elementos podem permanecer invariáveis:

- Quando houver verbo e advérbio:
o bota-fora - os bota-fora

- Quando houver um verbo e um substantivo no plural:

o saca-rolhas - os saca-rolhas

Os substantivos também podem flexionar em grau, **aumentativo** ou **diminutivo**.

O aumentativo indica um tamanho maior, pode ser sintético, quando formado por sufixos aumentativos:

ão: cavalo

aça: barça

alha: fornalha

ação: ricaço

ona: meninona

uça: dentuça

uço: dentuço

Caso o aumentativo ocorra com a ajuda de um adjetivo como grande e semelhantes, temos o aumentativo analítico:

Uma **grande** promoção;

Inteligência **enorme**.

O diminutivo indica que algo é menor, ou pode ser utilizado como forma carinhosa.

Assim como o aumentativo, pode ser sintético:

inho: Marquinho

inha: casinha

ejo: vilarejo

eta: banqueta

Pode também ser analítico, mas, neste caso, com o adjetivo pequeno e semelhantes: Você pode dar uma **pequena entrada** e dividir o restante.

O substantivo possui algumas funções sintáticas dentro de um texto:

Sujeito: O *cachorro* subiu no sofá.

Predicativo do sujeito: Carla é *professora*.

Predicativo do objeto: A menina achou o moço *bonito*.

Objeto direto: Eu decifrei o *enigma*.

Objeto indireto: Eu concordo com *Maria*.

Complemento nominal: Rita tem pavor de *abelhas*.

Aposto: João, o *pai*, veio aqui.

Vocativo: *Garçon*, traga mais uma rodada!

É empregado em **locuções adjetivas**: Estava com cólica *de rim*. (renal)

E em **locuções adverbiais**: Saiu de *manhã*.

ARTIGO

O artigo é uma palavra que é colocada antes do substantivo, determinando-o ou indeterminando-o.

O artigo pode ser definido: **a, o, as, os**:

A moça; **O** rapaz; **As** moças; **Os** rapazes.

- Encontrei-me com **o** padre. (nessa afirmação, o artigo define o padre, fica subentendido se tratar de um conhecido, um padre em específico)

O artigo pode ser indefinido: **uma, um, umas, uns**:

Uma coisa; **Umas** coisas; **Um** negócio; **Uns** negócios.

- Encontrei-me com **um** padre. (nesta afirmação, o artigo deixa o substantivo indefinido, já que esse tal padre pode ser qualquer um, não sendo especificado)

*Os artigos indefinidos podem transmitir uma ideia de imprecisão, justamente por serem indefinidos.

Além de flexionar em número, os artigos também flexionam em gênero e devem estar de acordo com o gênero e número do substantivo:

Masculino: **no, nos, do, dos, ao, aos, num, nuns, pelo, pelos.**

Feminino: **na, nas, da, das, à, às, numa, numas, pela, pelas.**

A função sintática do artigo é a de *adjunto adnominal*. Aparece junto ao substantivo, concordando em número e gênero.

Além disso, o artigo pode substantivar certas classes de palavras, ou seja, faz com que certas palavras desempenhem papel de substantivo.

O dourado é muito mais bonito que o prateado. (*dourado* e *prateado* são adjetivos, mas, nesta frase, funcionam como substantivos, pois há o artigo *o* determinando-os)

ADJETIVO

É comum dizer que o adjetivo expressa uma qualidade, mas dizer que alguém é **ruim** não é bem uma qualidade. Sendo assim, o mais correto seria dizer que o adjetivo modifica o substantivo.

Menino (substantivo)

Menino alto (substantivo + adjetivo)

No primeiro exemplo é apenas menino, no segundo, menino alto, ou seja, o substantivo foi modificado pelo adjetivo.

A posição do adjetivo pode dar um significado distinto à frase:

Pedro é um menino **grande**. (ele é um menino alto)

Pedro é um **grande** menino. (é um menino com virtude, não se trata mais de altura)

Um chinês **velho** meditava. (um chinês que é velho meditava, o núcleo é chinês, velho é determinante)

Um **velho** chinês meditava. (um velho que é chinês meditava, o núcleo é velho, chinês é determinante)

O adjetivo pode se tornar um substantivo quando um artigo o anteceder:

A camisa **xadrez**. (característica da camisa, adjetivo, modificando o substantivo)

O **xadrez** da camisa. (substantivação do adjetivo, pois tornou-se termo nuclear da oração, que no exemplo anterior era camisa)

Expressões formadas por uma ou mais palavras podem ter a equivalência de um adjetivo, são chamadas de locução adjetiva:

Presente **de grego** (preposição + substantivo)

Eixo **de trás** (preposição + advérbio)

O adjetivo pode flexionar em **número**, singular ou plural. O número estará de acordo com o substantivo que ele modifica:

Chocolate gostoso; Chocolates gostosos.

Quando terminar em vogal ou ditongo, o **s** marca o plural: pobre, pobres; mau, maus.

*Caso a terminação seja nasal, vogal ou ditongo, o **m** dá lugar ao **n** + **s**: bom, bons; ruim; ruins.

Quando terminar em **r, z** ou **s**, o **es** marca o plural: espetacular, espetaculares; eficaz, eficazes; escocês, escoceses.

Quando terminar em **al, ol, ul**, o plural é marcado por **ais, óis, uis**, respectivamente: mortal, mortais; mongol, mongóis; azul, azuis.

Quando terminar em **el, éis** marca o plural: cruel, cruéis. No caso dos átonos, usa-se **eis**: inteligível, inteligíveis.

Quando terminar em **il, is** marca o plural: anil, anis. Quando for átono, usa-se **eis**: fácil, fáceis.

Quando terminar em **ão**, o plural fica em **ões**: bonitão, bonitões. Mas existem

exceções, como alguns que terminam em **ães**: alemães, charlatães, catalães. E outros que terminam em **ãos**: cristãos, pagãos, vãos.

No caso dos adjetivos compostos, formados por dois elementos, somente o último fica no plural:

Tecidos verde-escuros.

*surdo-mudo é uma exceção, sendo *surdos-mudos*, assim como cores que possuam no segundo elemento um substantivo, ficando ambos invariáveis: papéis *verde-piscina*.

O adjetivo flexiona em **gênero**, masculino e feminino, de acordo com o substantivo que modifica:

Menino alto.

Menina alta.

Certos adjetivos possuem a mesma forma para os dois gêneros, como os que terminam em **u**: hindu, zulu; os que terminam em **ês**: cortês, descortês, montês e pedrês; os que terminam em **or**: anterior, posterior, inferior, superior, interior, multicolor, incolor, sensor, melhor, pior, menor.

*Para a regra acima, com exceção dos adjetivos supracitados, basta colocar um **a** na frente do masculino para torná-lo feminino:

Homem nu; Mulher nua;

Homem escocês; Mulher escocesa;

Homem trabalhador; Mulher trabalhadora.

O adjetivo pode, ser uniforme, ou seja, apresenta apenas uma forma para ambos os gêneros:

Garota exemplar; Garoto exemplar;

Escolha feliz; Lugar feliz.

O adjetivo pode flexionar em grau, **comparativo** ou **superlativo**.

Comparativo: faz uma comparação entre duas coisas referente a uma determinada qualidade, em grau inferior, igual ou superior:

O pão **custa menos que** a carne.

A prata **brilha tanto quanto** o ouro.

O dólar **vale mais que** o real.

Tal comparação pode ocorrer entre duas qualidades de um mesmo ser ou coisa:

O copo está **menos vazio que** cheio.

Jonas é **tão orgulhoso quanto** valente.

O copo está **mais vazio que** cheio.

No caso do **superlativo**, ele pode ser **absoluto sintético** quando apresentar um grau elevado de certa qualidade:

Meu pai é **boníssimo**. (bondade em um grau elevado)

Mas pode ser uma característica ruim, ou talvez um defeito:

Aquele rapaz é **buríssimo**.

O superlativo pode ser **absoluto analítico**, quando palavras que indicam intensidade são empregadas, tais quais *extremamente, muito, etc.*:

A maçã é **muito** gostosa.

O dia está **extremamente** quente.

Pode ser **relativo**, quando a qualidade do ser ou coisa se sobressair perante a um grupo:

Pelé é o jogador **mais** lembrado do Santos. (de todos os jogadores que já passam pelo clube, o mais lembrado deles é Pelé)

Esse é um caso de **superlativo relativo de superioridade**. Seria de **inferioridade** de a frase fosse: Pelé é o jogador **menos** lembrado do Santos.

Arqui, extra, hiper e super também são formas de superlativo:

Arqui-inimigo; extracurricular; hipermercado; superelegante.

Bom, mal, grande e pequeno são adjetivos com comparativos e superlativos anômalos.

Comparativo de superioridade: melhor, pior, maior, menor.

Superlativo relativo: ótimo, péssimo, máximo, mínimo.

Superlativo absoluto: o melhor, o pior, o maior, o menor.

Adjetivos de relação são nomes qualificadores oriundos de substantivos. Restringem a extensão do significado de unidades desta classe de palavras e normalmente não admitem flexão de grau. Por exemplo, *ígneo* = *de fogo*; *férreo* = *de ferro*.

Em termos sintáticos, no texto o adjetivo pode desempenhar as funções de **adjunto adnominal** ou de **predicativo**.

Adjunto adnominal: o adjetivo modifica o sujeito sem necessidade de verbo.

A moça *bonita* saiu para passear. (*moça* é núcleo do sujeito e o adjetivo *bonita* o modifica)

Predicativo do sujeito: o adjetivo modifica o sujeito por meio de um verbo.

Joel ficou *triste* com o resultado. (*triste* modifica o substantivo *Joel*, que o sujeito da oração)

Predicativo do objeto: o adjetivo modifica o sujeito o objeto através por meio de um verbo transitivo.

O turista achou o passeio *maravilhoso*. (*maravilhoso* modifica o substantivo *passeio*, que é o núcleo do objeto direto)

PRONOME

Em uma oração, o pronome pode:

- Representar um substantivo, sendo um **pronome substantivo**:

Havia um *menino* parado, *que* olhava para o outro lado da rua. (neste caso, o pronome substituiu o substantivo, para, assim, evitar sua repetição)

Sintaticamente, no texto pode apresentar a função de:

Sujeito: *Ela* é má.

Objeto indireto: Relatei o caso para *elas*.

- Pode acompanhar um substantivo, sendo um **pronome adjetivo**:

Na *minha* visão, é uma má ideia. (o pronome determina o significado do

substantivo, ou seja, não é qualquer visão, mas *minha* visão)

Sintaticamente, no texto pode apresentar a função de:

Adjunto adnominal: *Meu* bairro é sossegado.

Pronomes pessoais: indicam a pessoa do discurso:

1ª pessoa, quem fala: *eu* (singular), *nós* (plural);

2ª pessoa, com quem se fala: *tu* (singular), *vós* (plural);

3ª pessoa, de quem ou de que se fala: *ele*, *ela* (singular), *eles*, *elas* (plural).

Você e **vocês** servem para indicar a 2ª pessoa do discurso, mas se comportam como os de 3ª pessoa. Ele *vai*; Você *vai*; Eles *vão*; Vocês *vão*.

*Estes também são chamados de **pronomes retos**, pois podem funcionar como sujeitos da oração: *Eles* queriam fazer bagunça.

Podem funcionar como predicativo também: O problema sou *eu*.

Os **obliquos** funcionam como objetivos ou complementos:

1ª pessoa singular: *me*, *mim*, *comigo*;

2ª pessoa singular: *te*, *ti*, *contigo*;

3ª pessoa singular: *se*, *si*, *consigo*, *lhe*, *o*, *a*;

1ª pessoa plural: *nos*, *conosco*;

2ª pessoa plural: *vos*, *convosco*;

3ª pessoa plural: *se*, *si*, *consigo*, *lhes*, *os*, *as*.

Sintaticamente, no texto, *ele*, *ela*, *nós*, *eles* e *elas* podem exercer a função de:

Agente da passiva: O almoço foi feito por *ele*.

Complemento nominal: Rita tinha saudade de *mim*.

Complemento verbal: Solicitei a *ela* mais empenho.

Já *a*, *as*, *o*, *os* podem ter a função de complemento do verbo transitivo direto.

Marcos *a* abraçou.

Lhe e *lhes* podem ter a função de complemento do verbo transitivo indireto.

O menino *lhe* obedeceu com facilidade.
Já *me, te, se, no* e *vos* podem ter a função de objeto direto ou objeto indireto.

Abraçou-*me* com carinho. (objeto direto)

Obedeceu-*nos* sem chororô. (objeto indireto)

*Os pronomes pessoais da 2ª pessoa não são mais usados, ou, quando são, não apresentam a conjugação verbal correta. É mais comum utilizar *você/vocês*, que equivalem à 3ª pessoa, mas se referem à 2ª pessoa do discurso.

Em relação à tonicidade, o pronome pode ser:

Tônico: *mim, nós, ti, vós, ele(s), ela(s), si*;

Átonos: *me, te, se, lhe, lhes, o, a, os, as, nos, vos*.

Quando os verbos possuírem as terminações **-r, -s** ou **-z**, os pronomes **o, os, a, as** assumirão as formas **-lo, -la, -los, -las**:

- Seria possível adquiri-**los**.
- Encontramo-**la** parada à porta.

Quando as terminações forem ditongos nasais (**-ão, -õe(m), -am, -em**), os pronomes **o, os, a, as** assumem as formas **-no, -na, -nos, -nas**:

- Façam-**na** parar!
- Esses vasos são meus. Põe-**nos** sobre a mesa, por favor.

Quando o pronome é da mesma pessoa e faz referência ao próprio sujeito da oração, chama-se oblíquo reflexivo. Tirando **o, a, os, as, lhe, lhes**, os demais oblíquos podem ser reflexivos:

Maria fala de *si* o tempo todo.

Pronomes de tratamento: são utilizados para se dirigir a pessoas de maneira respeitosa, dependendo do grau de formalidade ou do cargo exercido.

Vossa Alteza: príncipes, arquidukes, duques (abreviatura V.A.);

Vossa Eminência: Cardeais (abreviatura V.Em.^a);

Vossa Excelência: Altas autoridades do Governo e das Forças Armadas (abreviatura V.Ex.^a);

Vossa Magnificência: Reitores das Universidades (abreviatura V.Mag.^a);

Vossa Majestade: Reis, imperadores (abreviatura V.M.);

Vossa Excelência Reverendíssima: Bispos e arcebispos (abreviatura V.Ex.^a Rev.^{ma});

Vossa Paternidade: Abades, superiores de conventos (abreviatura V.P.);

Vossa Reverência (V.Rev.^a) ou **Vossa Reverendíssima** (V.Rev.^{ma}): Sacerdotes em geral;

Vossa Santidade: Papa (abreviatura V.S.);

Vossa Senhoria: funcionários públicos graduados, pessoas de cerimônia (abreviatura V.S.^a).

Você: utilizado com pessoas familiares, em relações sem grau de formalidade.

*Ao se referir na 2ª pessoa, a quem se fala, é utilizado o verbo na 3ª pessoa:

Vossa Excelência *é* capaz de tomar *sua* decisão sem interferências externas.

Ao se referir na 3ª pessoa, de quem se fala, o possessivo torna-se *Sua*:

Sua Alteza solicita uma reunião urgente com o cardeal.

Pronomes possessivos: indicam posse e se referem à pessoa do discurso.

1ª pessoa singular: *meu, minha, meus, minhas*;

2ª pessoa singular: *teu, tua, teus, tuas*;

3ª pessoa singular: *seu, sua, seus, suas*;

1ª pessoa plural: *nosso, nossa, nossos, nossas*;

2ª pessoa plural: *vosso, vossa, vossos, vossas*;

3ª pessoa plural: *seu, sua, seus, suas*.

Podem exercer no texto, sintaticamente, a função de adjunto adnominal ao acompanhar o substantivo:

Minha rua é esburacada. (adjunto adnominal do sujeito)

Aquela é a *minha* rua. (adjunto adnominal do predicativo do sujeito)

Pronomes demonstrativos: indicam posição lugar ou a posição da pessoa do discurso.

Variáveis masculinos: *este, estes, esse, esses, aquele, aqueles;*

Variáveis femininos: *esta, estas, essa, essas, aquela, aquelas;*

Invariáveis: *isto, isso, aquilo.*

Indicando aquilo que está próximo:

Veja bem, *estas* são minhas mãos. (objeto próximo do falante)

Pode indicar o tempo presente, ou que está próximo:

Esta semana será produtiva! (a semana atual)

Indicando aquilo que está próximo da pessoa a quem se fala:

Veja bem, *essas* são suas mãos. (objeto está próximo da pessoa a quem se fala)

Pode indicar o tempo passado:

Eu me lembro bem, *esse* dia foi maneiro. (um dia que já se foi, está no passado)

Indicando algo que está longe de quem e a quem se fala:

Aquele homem, perto do poste, é meu vizinho.

Indica um passado muito remota, distante:

Os dinossauros viveram há milhões de anos. *Naquele* tempo o planeta Terra era diferente.

Os variáveis podem, no texto, ter a função sintática de um substantivo ou de um adjetivo.

Minha casa é *aquela*. (predicativo)

Esta tarefa é difícil. (adjunto adnominal)

Os invariáveis podem desempenhar a função de um substantivo.

Isso é perfeito. (sujeito)

Ele disse *aquilo*. (objeto direto)

Ela necessita *disso*. (objeto indireto)

Pronomes relativos: fazem referência a um substantivo já mencionado.

Variáveis masculinos: *o qual, os quais, cujo, cujos, quanto, quantos;*

Variáveis femininos: *a qual, as quais, cuja, cujas, quanta, quantas;*

Invariáveis: *quem, que, onde.*

Cujo e *cuja* têm o mesmo valor de *do qual, da qual* e só pode aparecer antes de um substantivo sem artigo:

O apresentador, *cujo* nome não me recordo, foi demitido. (O apresentador, *do qual* o nome não me recordo, foi demitido.)

Quem só pode ser utilizado com pessoas e uma preposição sempre o antecede:

Aquele moço, *de quem* meu pai nos falou, abriu uma empresa.

Onde equivale a **em que**:

A cidade *onde* nasci é pequena. (A cidade **em que** nasci é pequena.)

Sintaticamente, no texto podem desempenhar a função de:

Sujeito: Fábio, *que* é esperto, venceu na vida. (Fábio venceu na vida / Fábio é esperto)

Predicativo: Caio é o profissional, *que* muitos respeitam. (Caio é o profissional / Muitos respeitam o profissional)

Complemento nominal: Ele tem medo *que* os gatos arranhem. (Ele tem medo de gato / Os gatos arranham)

Objeto direto: Rafael fez o curso, *que* Marcos indicou. (Rafael fez o curso / Marcos indicou o curso)

Objeto indireto: João falou sobre a causa com *a qual* Rita simpatiza. (João falou sobre a causa / Rita simpatiza com a causa)

Adjunto adnominal: O rapaz *cujo* pai é matemático quer ser literato. (O rapaz quer ser literato / O pai do rapaz é matemático)

Adjunto adverbial: Já visitei a cidade *onde* você vive. (Visitei a cidade / Você vive em uma cidade)

Agente da passiva: O quadro *que* Gabriela pintou ficou lindo. (O quadro é lindo / O quadro foi pintado por Gabriela)

Pronomes interrogativos: Fazem referência à 3ª pessoa e são utilizados em frases interrogativas.

Por *que* fez isso?; *Que* horas são?; *Quem* disse?; *Qual* será seu pedido?; *Quantos* anos tem?; *Quantas* horas serão necessárias?.

O interrogativo *quem* pode funcionar como sujeito ou objeto indireto. Ou seja, pode ter a função sintática de um substantivo.

Quem falou isso? (sujeito)

Quem produziu essa música? (objeto direto)

O interrogativo *qual* pode funcionar como adjunto adnominal.

Qual carro é o seu?

O interrogativo *que* pode funcionar com adjunto adnominal, com função adjetiva.

Que conversa foi essa? (que tipo de)

O interrogativo *quanto* pode funcionar como adjunto adnominal, acompanhando um substantivo (como geralmente faz).

Quantos cachorros ela tem?

Pronome indefinido: faz referência à 3ª pessoa, seja no singular ou plural. Não faz referência a algo em específico, por isso o *indefinido*. Indicam algo indeterminado, impreciso.

Alguém em casa?

Qualquer, cada, quem, ninguém, outro, algum, nenhum, muito são exemplos de pronomes indefinidos.

Sintaticamente, no texto podem ter a função de um substantivo, caso desempenhem a função de pronomes substantivos.

Alguém fez isso. (função de sujeito)

Caso exerçam a função de um pronome adjetivo, apresentaram a função sintática de um adjetivo.

Cada pessoa pensa o que quiser. (adjunto adnominal)

Pronomes indefinidos variáveis:

algum, alguns, alguma, algumas (invariável = alguém);

nenhum, nenhuns, nenhuma, nenhuma (invariável = ninguém);

tudo, todos, toda, todas (invariável = tudo);

outro, outros, outra, outras (invariável = outrem);

muito, muitos, muita, muitas (invariável = nada);

pouco, poucos, pouca, poucas (invariável = cada);

certo, certos, certa, certas (invariável = algo);

vário, vários, vária, várias;

tanto, tantos, tanta, tantas;

quanto, quantos, quanta, quantas;

qualquer, quaisquer

Locuções pronominais indefinidas

São grupos de palavras que equivalem a pronomes indefinidos: *cada um, cada qual, quem quer que, todo aquele que, seja quem for, seja qual for*, etc.

NUMERAL

Indica quantidade, ordem e lugar em uma série. Pode ser:

- **Cardinal:** os números básicos (um, dois, três...), que indicam quantidade em si mesma:

Cinco e *cinco* são *dez*. (veja que neste caso os numerais funcionam como substantivos)

Podem indicar também a quantidade de algo, acompanhando o substantivo:

Três pratos de trigo para *três tigres* famintos.

Flexiona em gênero os cardinais *um* e *dois*, assim como as centenas a partir de *duzentos*:

uma, duas; duzentos, duzentas.

Flexiona em número *milhão, bilhão*, etc.:

Dois *trilhões*.

Ambos pode substituir **os dois** e flexiona em gênero:

Ambos os técnicos se estranharam.

Foi perfurar uma orelha e acabou perfurando **ambas**.

- **Ordinal**: ordena, em uma série, uma sucessão de seres ou coisas:

O piloto brasileiro foi o *primeiro* colocado no Grande Prêmio.

Podem flexionar em número e gênero:

sexto, sexta; décimo, décima.

sextos, sextas; décimos, décimas.

- **Multiplicativo**: indica o aumento proporcional de uma quantidade:

Meu irmão tem *o dobro* da idade do meu primo.

Caso possua valor de substantivo, é invariável. Quanto apresenta valor de adjetivo, pode flexionar em número e gênero:

Tomou três doses *duplas* de whisky.

Os multiplicativos *dúplice, tríplice* e etc. podem variar em número:

Formaram alianças *tríplices*.

- **Fracionário**: indica diminuição proporcional de uma quantidade:

Quitei *três quintos* do financiamento.

O emprego dos fracionários deve concordar com os cardinais quanto indicar número das partes:

O despertador marcava dez e *um quinto*.

Meio ou **meia** deve concordar em gênero com aquilo que a quantidade da fração está designando:

Estava a um **passo** e **meio** de distância.

Até às dez e **meia** da **noite** haverá tempo.

- **Coletivo**: indicam um conjunto de seres ou coisas, dando o número exato: **dezena**,

década, dúzia, novena, centena, cento, milhar, milheiro, par.

Flexionam-se em número:

centena, centenas; par, pares.

É possível flexionar os numerais em grau, aumentativo e diminutivo, assim como os substantivos. Ao fazer isso, aplica-se uma ênfase sobre o numeral.

Me dá uma chance. Só *umazinha*! - Aqui *uma* está no diminutivo. Ao falar dessa forma, há uma ênfase no pedido, para tentar tocar o sentimento do interlocutor.

Foi muito caro! Paguei *cinquentão*! - Aqui *cinquenta* está no aumentativo. Essa ênfase indica que o preço, para quem fala, foi muito caro. Não foi apenas cinquenta, mas cinquentão, isto é, não foi barato.

Sintaticamente, em um texto o numeral pode substituir um substantivo.

Sujeito: *Dois* é mais que um.

Predicativo do sujeito: O número da sorte é *treze*.

Objeto direto: Acertei duas respostas e ela acertou *cinco*.

Pode ter a função de adjunto adnominal quando acompanhar o substantivo.

Dois funcionários chegaram tarde.

VERBO

Palavra que expressa ação, estado, fato ou fenômeno. O verbo é indispensável na organização do período. Na oração, sua função obrigatória é a de predicado.

Pode flexionar em **número** e **pessoa**:

1ª pessoa (singular): Eu canto

1ª pessoa (plural): Nós cantamos

2ª pessoa (singular): Tu cantas

2ª pessoa (plural): Vós cantais

3ª pessoa (singular): Ele canta / Você canta

3ª pessoa (plural): Eles cantam / Vocês cantam

*Veja que as pessoas correspondem aos pronomes pessoais.

Pode também flexionar em **modo**, que são as diferentes formas de um verbo se realizar:

Modo indicativo - expressa um fato certo:

Vou amanhã.; Dormiram tarde.

Modo imperativo - expressa ordem, pedido, proibição ou conselho:

Venha aqui.; Não faça isso.; Sejam cuidadosos.

Subjuntivo - expressa um fato possível, hipotético, duvidoso:

É provável que faça sol.

Os verbos também possuem formas nominais, que são:

Infinitivo pessoal (quando houver sujeito) - É necessário *repensarmos* os nossos hábitos.

Infinitivo impessoal (quando não houver sujeito) - Eles pediram para *participar* no trabalho.

Gerúndio - Estou *estudando*.

Particípio - Havia *estudado*.

Os verbos apresentam a flexão de **tempo**. Existe o tempo **presente**, que indica que o fato ocorre no momento atual. Existe o tempo **pretérito**, que indica fato ocorrido no passado. Existe o tempo **futuro**, que indica que o fato ainda vai ocorrer.

No modo indicativo e no subjuntivo, o pretérito divide-se em **imperfeito**, **perfeito** e **mais-que-perfeito**.

No modo indicativo, o futuro divide-se em **do presente** e **do pretérito**. No subjuntivo, em **simples** e **composto**.

O tempo presente é indivisível.

Vozes do verbo

Pode flexionar na **voz**. O fato que o verbo expressa pode ser representado na **voz ativa**, **voz passiva** ou **voz reflexiva**. Na **voz ativa** temos um **objeto direto**, que se torna o sujeito da **voz passiva**. No caso da **voz reflexiva**, tanto o **objeto direto** quanto o **indireto** são a mesma pessoa do sujeito. Apenas os verbos transitivos permitem transformação de voz.

Ação praticada pelo sujeito, voz ativa:

Carla *abriu* o livro.

Ação sofrida pelo sujeito, voz passiva:

O livro *foi aberto* por Carla.

Ação praticada e sofrida pelo sujeito:

Carla *cortou-se*.

A **voz passiva** pode ser expressa:

Com o verbo auxiliar *ser* e o particípio do verbo que se deseja conjugar - O livro *foi aberto* por Carla.

Ou com o pronome apassivador *se* e uma terceira pessoa verbal, tanto no singular quanto no plural, que esteja em concordância com o sujeito:

Não *se vê uma nuvem* no céu. (= não é vista uma nuvem no céu)

A **voz reflexiva** aparece quando formas da voz ativa se juntam aos pronomes oblíquos *me*, *te*, *nos*, *vos* e *se* (seja no singular ou no plural):

Eu *me cortei*. (Eu cortei a mim mesmo)

Quando o acento tônico recai no radical de certas formas verbais, temos as **formas rizotônicas**: *falam*, *andem*, *pergunte*.

Quando o acento tônico recai na terminação, temos as **formas arrizotônicas**: *falamos*, *falemos*.

Classificação

Os verbos são classificados em:

Regulares - *acordar*, *beber* e *abrir* são verbos regulares, pois a flexão dos mesmos segue um certo padrão. Podemos dizer que *falar* pertence à 1ª conjugação, *fazer*, à 2ª, e *mentir* à 3ª.

Irregulares - são verbos que não seguem esse padrão estabelecido pelos regulares, como, por exemplo, *averiguar*, *haver*, *medir*, etc.

*Os verbos são irregulares quando apresentam alterações nos radicais e nas terminações verbais.

haver - *houve*: houve uma alteração no radical *hav-*, que virou *houv-*. O verbo *haver* é irregular

dar - *dou*: houve alteração na terminação, *-ar* para *-ou*. O verbo *dar* é irregular.

Alguns verbos, como os da 1ª conjugação com radicais terminados em g, precisam mudar de letra em certas conjugações: *chegar* - *cheguei*. Essa é uma necessidade gráfica, para manter a uniformidade da pronúncia. Caracteriza-se como uma **discordância gráfica**, não como uma irregularidade verbal.

Defectivos - são verbos como *abolir* e *falir*, que não possuem algumas formas.

Abundantes - apresentam duas ou mais formas equivalentes. A abundância acontece do particípio. O verbo *entregar*, por exemplo, possui os particípios *entregado* e *entregue*.

A função do verbo pode ser a de **principal**, que significa que o verbo mantém seu significado total:

Comi pão.

Quando o verbo é combinado com formas nominais de um verbo principal, constituindo uma conjugação composta do mesmo, perde seu significado próprio. Esse verbo possui a função de **auxiliar**:

Tenho comido pão.

* Os auxiliares de uso mais comum são *ter*, *haver*, *ser* e *estar*.

Estrutura do verbo

O verbo possui um radical que é geralmente invariável, e uma terminação que pode variar para indicar o modo e o tempo, a pessoa e o número:

fal- (**radical**) ar (**terminação**) = falar;

faz- (**radical**) er (**terminação**) = fazer;

abr- (**radical**) ir (**terminação**) = abrir

Os verbos possuem uma **vogal temática**, que indica a conjugação. Há também a **desinência verbo-temporal**, que expressa o modo e o tempo do verbo: em “falássemos” o elemento destacado no verbo indica o tempo pretérito imperfeito do subjuntivo. Além disso, há a desinência número-pessoal, que indica a pessoa e o número: em *abrimos*, a flexão *-mos* indica primeira pessoa do plural.

Conjugação do verbo

Quando conjugamos um verbo, fazemos uso de todos os seus modos, tempos, pessoas, números e vozes. Conjugação é agrupar as flexões do verbo de acordo com uma ordem. Existem três conjugações, que são marcadas pela vogal temática:

1ª conjugação vogal temática *a*:

fal-*a*-r, and-*a*-r, cant-*a*-r.

2ª conjugação vogal temática *e*:

faz-*e*-r, com-*e*-r, bat-*e*-r.

3ª conjugação vogal temática *i*:

abr-*i*-r, part-*i*-r, sorr-*i*-r.

A vogal temática aparece com mais ênfase no infinitivo e os verbos nesse modo terminam com uma vogal temática + sufixo *r*.

*O verbo *pôr* tem a terminação *-or*, não possuindo a vogal temática no infinitivo. Por isso é considerado um *verbo anômalo*.

Os verbos apresentam tempos **primitivos** e **derivados**. Os **primitivos** são o:

- **Presente do infinitivo impessoal** - falar, fazer, etc.;

- **Presente do indicativo** (1ª e 2ª pessoas do singular e 2ª pessoa do plural) - faço, faças, fazeis;

- **Pretérito perfeito do indicativo** (3ª pessoa do plural) - fizeram.

Os tempos derivados são formados com o radical dos primitivos. Veja o tempo simples na voz ativa:

Presente do infinitivo

dizer

Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, etc.

Futuro do presente: direi, dirás, dirá, etc.

Futuro do pretérito: diria, dirias, diria, etc.

Infinitivo pessoal: dizer, dizeres, dizer, etc.

Gerúndio: dizendo

Particípio: dito

Presente do indicativo

faço, fazes, fazem

Presente do subjuntivo: *faço - faça, faça, faça, façamos, façais, façam.*

Imperativo afirmativo: *fazes - faze; fazeis - fazei.*

Pretérito perfeito do indicativo

fizeram

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: *fizera, fizeras, fizera, etc.*

Pretérito imperfeito do subjuntivo: *fizesse, fizesses, fizesse, etc.*

Futuro do subjuntivo: *fizer, fizeres, fizer, etc.*

Modo indicativo

Presente - expressa uma ação que ocorre no tempo atual: *Corro* todos os dias.

Pretérito perfeito - expressa uma ação concluída: *Corri* ontem.

Pretérito imperfeito - expressa uma ação que ainda não foi acabada: Antigamente não *corria* um dia sequer.

Pretérito mais-que-perfeito - expressa uma ação anterior a outra que já foi concluída: *Correra* pela manhã antes de ir à escola.

Futuro do presente - expressa uma ação que será realizada: *Correrei* amanhã cedo.

Futuro do pretérito - expressa uma ação futura em relação a outra, já concluída: Falou que não *correria* hoje.

Modo subjuntivo

Presente - expressa uma ação incerta no tempo atual: *Que* eles corram.

Pretérito imperfeito - expressa o verbo no passado que depende de uma ação também passada: Se ele *corresse* teria mais vigor.

Futuro - expressa uma ação futura cuja realização depende de outra ação: Quando eles *correrem* ficarão cansados.

Modo imperativo

É dividido em:

- **Imperativo afirmativo** - em sua formação, a 2ª pessoa do singular e do plural são derivadas das pessoas

correspondentes do presente do indicativo, retirando o *s* do final. As demais pessoas apresentam a mesma forma do presente do subjuntivo.

- **Imperativo negativo** - as pessoas do apresentam a mesma forma daquelas do presente do subjuntivo.

Afirmativo: *Faça* você.

Negativo: Não *faça* você.

Tempo Composto

Voz ativa - são anteceditos pelo verbo *ter* ou pelo *haver*, seguidos do particípio do verbo principal: *Tenho dormido* pouco; *Havíamos estado* lá.

Voz Passiva - são anteceditos pelo verbo *ter* ou pelo *haver* + o verbo *ser*, seguidos do particípio do verbo principal: *Tenho sido feito* de bobo por ela; *Ambos haviam sido vistos* na rua.

Locução Verbal - é formada por um verbo auxiliar seguido de *gerúndio* ou *infinitivo* do verbo principal: Eles *devem iniciar* os trabalhos a partir de amanhã; As compras *foram pagas* à vista.

Em “As compras foram pagas à vista”, a forma *foram* (verbo *ser*) é o auxiliar, e *pagas* o principal.

Encontramos uma perífrase verbal, ou locução verbal, quando do mesmo domínio predicativo participam um verbo auxiliar e uma forma nominal (*infinitivo*, *gerúndio* ou *particípio passado*) do verbo principal (verbo pleno), com intermediação, ou não, de preposição (*a, de, por, para*).

Exemplos:

- *Estou a escrever* um romance.

- *Está vendo?*

- O Zé *foi atropelado* por uma bicicleta.

Verbo pronominal: são conjugados em conjunto com um pronome oblíquo átono (*me, te, se, nos, vos, se*). Esse pronome oblíquo deve fazer referência à mesma pessoa do sujeito.

Essa conjugação pode ser **reflexiva**, caso a ação recaia sobre o próprio sujeito: *Cortei-me*. (o sujeito cortou a si mesmo)

Ou pode ser **recíproca**, caso existam dois sujeitos na oração e a ação recaia sobre ambos: Eles se beijaram. (ambos deram um beijo e receberam um beijo)

Verbo significativo: é o verbo que apresenta função sintática de núcleo do predicado verbal ou verbo-nominal. Nestes casos, o verbo é a informação de maior relevância.

João *comeu* torta. (o verbo é a informação mais relevante, sem ele a frase sequer faria sentido)

Esse tipo de verbo também pode ser chamado de **pleno**. Indicam ações praticadas ou fenômenos da natureza.

Pode ser **transitivo direto**, ou seja, precisa de um complemento para fazer sentido, mas não necessita obrigatoriamente de uma preposição para se conectar ao objeto direto.

Pode ser **transitivo indireto**, ou seja, precisa de um complemento e necessita obrigatoriamente de uma preposição para se ligar ao objeto indireto e fazer sentido.

Pode ser **intransitivo**, ou seja, não necessita de complemento para fazer sentido e podem formar predicados por conta própria.

O cachorro *comeu* ração. (o verbo se liga ao objeto direto, que é *ração*, sem preposição)

Eu *fui* a São Paulo. (o verbo se liga ao objeto indireto, que é *São Paulo*, com o uso de preposição)

Minha pipa *caiu*. (intransitivo, pois o verbo já apresenta sentido por si mesmo)

Verbo de ligação: apresenta a função sintática de predicado, ligando o sujeito ao predicativo. Importante lembrar que o núcleo do predicado é um adjetivo, pois é a informação mais relevante.

Diferente dos verbos transitivos ou intransitivos, não indica uma ação realizada ou sofrida.

São verbos de ligação: *ser, estar, permanecer, ficar, tornar-se, andar, parecer, virar, continuar, viver.*

A mulher *parece* nervosa. (não apresenta nenhum tipo de ação, mas sim liga o sujeito, *a mulher*, ao predicativo, *nervosa*)

Verbos que podem causar confusão

Certas conjugações podem causar um nó em nossa cabeça. Veja algumas delas:

Verbo intervir: Eu *intervenho* (presente do indicativo); Eu *intervinha* (pretérito imperfeito do indicativo); Eu *intervim* (pretérito perfeito do indicativo).

Verbo gerir: Eu *giro* (presente do indicativo); Que eu *gira*; Que eles *giram* (presente do subjuntivo).

Verbo intermediar: Eu *intermedeio*; Eles *intermedeiam* (presente do indicativo); Que eu *intermedeie* (presente do subjuntivo).

Verbo requerer: Eu *requeiro* (presente do indicativo); Eu *requeri* (pretérito perfeito do indicativo); Que eu *requiera* (presente do subjuntivo).

Verbo reaver no pretérito perfeito do indicativo: Eu *reouve*; Ele *reouve*; Eles *reouveram*.

Verbo pôr: Eu *punha* (pretérito imperfeito do indicativo); Eu *pus* (pretérito perfeito do indicativo); Eu *pusera* (pretérito mais-que-perfeito do indicativo).

Verbo manter: Eu *mantive*; Ele *manteve*; Eles *mantiveram* (pretérito perfeito do indicativo).

Verbo ver: Quando eu *vir*; Quando ele *vir*; Quando eles *virem* (futuro do subjuntivo).

Ter e Haver

Quando o verbo *haver* apresentar o sentido de *existir, acontecer, realizar-se e fazer* (este em orações que indiquem tempo), ele será impessoal. Ou seja, deve ficar na 3ª pessoa do singular.

Há diversas montanhas nessa região. (sentido de *existem*).

Porque não *há* dúvidas de que, ao desenhar, aquele homem estava escrevendo. (sentido de *existem*)

Houve muitas festas e celebrações durante o mês de junho. (sentido de *aconteceram*)

Para organizar melhor o evento, *haverá* algumas reuniões na próxima semana. (sentido de *será realizada*)

Há muitos meses que ela não me visita. (sentido de *faz*)

Quando o verbo *ter* puder substituir o verbo *haver*, deve aparecer na 3ª pessoa do singular, já que também será impessoal. Vale lembrar que o uso do *ter* no lugar do *haver* apresenta um pouco mais de informalidade ao texto.

Tem diversas montanhas nessa região. (sentido de *existem*).

Teve muitas festas e celebrações durante o mês de junho. (sentido de *aconteceram*)

Para organizar melhor o evento, *terá* algumas reuniões na próxima semana. (sentido de *será realizada*)

Tem muitos meses que ela não me visita. (sentido de *faz*)

“Eles *havi*am ficado tristes.”

“Eles *tin*ham ficado tristes.”

Na frase acima, o verbo *haver* foi empregado com sentido de *ter*. Nesse tipo de caso é possível usar *havi*am, pois não há impessoalidade.

CONJUGAÇÃO DE ALGUNS VERBOS REGULARES

Verbos: estudar; escrever; partir.

Gerúndio: estudando; escrevendo; partindo.

Particípio Passado: estudado; escrito; partido.

Infinitivo: estudar; escrever; partir.

Presente do Indicativo

Eu: estudo; escrevo; parto.

Tu: estudas; escreves; partes.

Ele/Ela: estuda; escreve; parte.

Nós: estudamos; escrevemos; partimos.

Vós: estudais; escreveis; partis.

Eles: estudam; escrevem; partem.

Pretérito Perfeito do Indicativo

Eu: estudei; escrevi; parti.

Tu: estudaste; escreveste; partiste.

Ele/Ela: estudou; escreveu; partiu.

Nós: estudamos; escrevemos; partimos.

Vós: estudastes; escrevestes; partistes.

Eles: estudaram; escreveram; partiram.

Pretérito Mais-Que-Perfeito do Indicativo

Eu: estudara; escrevera; partira.

Tu: estudaras; escreveras; partiras.

Ele/Ela: estudara; escrevera; partira.

Nós: estudáramos; escrevêramos; partíramos.

Vós: estudáreis; escrevêreis; partíreis.

Eles: estudaram; escreveram; partiram.

Pretérito Imperfeito do Indicativo

Eu: estudava; escrevia; partia.

Tu: estudavas; escrevias; partias.

Ele/Ela: estudava; escrevia; partia.

Nós: estudávamos; escrevíamos; partíamos.

Vós: estudáveis; escrevíeis; partíeis.

Eles: estudavam; escreviam; partiam.

Futuro do Pretérito do Indicativo

Eu: estudaria; escreveria; partiria.

Tu: estudarias; escreverias; partirias.

Ele/Ela: estudaria; escreveria; partiria.

Nós: estudaríamos; escreveríamos; partiríamos.

Vós: estudaríeis; escreveríeis; partiríeis.

Eles: estudariam; escreveriam; partiriam.

Futuro do Presente do Indicativo

Eu: estudarei; escreverei; partirei.

Tu: estudarás; escreverás; partirás.

Ele/Ela: estudará; escreverá; partirá.

Nós: estudaremos; escreveremos; partiremos.

Vós: estudareis; escrevereis; partireis.

Eles: estudarão; escreverão; partirão.

Presente do Subjuntivo

Que eu: estude; escreva; parta.

Que tu: estudes; escrevas; partas.

Que ele/ela: estude; escreva; parta.

Que nós: estudemos; escrevamos; partamos.

Que vós: estudeis; escrevais; partais.

Que eles: estudem; escrevam; partam.

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Se eu: estudasse; escrevesse; partisse.

Se tu: estudasses; escrevesse; partisses.

Se ele/ela: estudasse; escrevesse; partisse.

Se nós: estudássemos; escrevêssemos; partíssemos.

Se vós: estudásseis; escrevêsseis; partísseis.

Se eles: estudassem; escrevessem; partissem.

Futuro do Subjuntivo

Quando eu: estudar; escrever; partir.

Quando tu: estudares; escreveres; partires.

Quando ele/ela: estudar; escrever; partir.

Quando nós: estudarmos; escrevermos; partirmos.

Quando vós: estudardes; escreverdes; partirdes.

Quando eles: estudarem; escreverem; partirem.

Imperativo Afirmativo

--

estuda; escreve; parte **Tu**.

estude; escreva; parta **Você**.

estudemos; escrevamos; partamos **Nós**.

estudai; escrevei; parti **Vós**.

estudem; escrevam; partam **Vocês**.

Imperativo Negativo

--

Não estudes; escrevas; partas **Tu**.

Não estude; escreva; parta **Você**.

Não estudemos; escrevamos; partamos **Nós**.

Não estudeis; escrevais; partais **Vós**.

Não estudem; escrevam; partam **Vocês**.

Infinitivo Pessoal

Por estudar; escrever; partir **Eu**.

Por estudares; escreveres; partires **Tu**.

Por estudar; escrever; partir **Ele/Ela**.

Por estudarmos; escrevermos; partirmos **Nós**.

Por estudardes; escreverdes; partirdes **Vós**.

Por estudarem; escreverem; partirem **Eles**.

CONJUGAÇÃO DE ALGUNS VERBOS IRREGULARES

Verbos: adequar; ser; ir.

Gerúndio: adequando; sendo; indo.

Particípio Passado: adequado; sido; ido.

Infinitivo: adequar; ser; ir.

Presente do Indicativo

Eu: adequo; sou; vou.

Tu: adequas; és; vais.

Ele/Ela: adequa; é; vai.

Nós: adequamos; somos; vamos.

Vós: adequais; sois; ides.

Eles: adequam; são; vão.

Pretérito Perfeito do Indicativo

Eu: adequei; fui; fui.

Tu: adequaste; foste; foste.

Ele/Ela: adequou; foi; foi.

Nós: adequamos; fomos; fomos.

Vós: adequastes; fostes; fostes.

Eles: adequaram; foram; foram.

Pretérito Mais-Que-Perfeito do Indicativo

Eu: adequara; fora; fora.

Tu: adequaras; foras; foras.

Ele/Ela: adequara; fora; fora.

Nós: adequáramos; fôramos; fôramos.

Vós: adequáreis; fôreis; fôreis.

Eles: adequaram; foram; foram.

Pretérito Imperfeito do Indicativo

Eu: adequava; era; ia.

Tu: adequavas; eras; ias.

Ele/Ela: adequava; era; ia.

Nós: adequávamos; éramos; íamos.

Vós: adequáveis; éreis; íeis.

Eles: adequavam; eram; iam.

Futuro do Pretérito do Indicativo

Eu: adequaria; seria; iria.

Tu: adequarias; serias; irias.

Ele/Ela: adequaria; seria; iria.

Nós: adequaríamos; seríamos; iríamos.

Vós: adequaríeis; seríeis; iríeis.

Eles: adequariam; seriam; iriam.

Futuro do Presente do Indicativo

Eu: adequarei; serei; irei.

Tu: adequarás; serás; irás.

Ele/Ela: adequará; será; irá.

Nós: adequaremos; seremos; iremos.

Vós: adequareis; sereis; ireis.

Eles: adequarão; serão; irão.

Presente do Subjuntivo

Que eu: adéque; seja; vá.

Que tu: adéques; sejas; vás.

Que ele/ela: adéque; seja; vá.

Que nós: adequemos; sejamos; vamos.

Que vós: adequeis; sejais; vades.

Que eles: adéquem; sejam; vão.

Pretérito Imperfeito do Subjuntivo

Se eu: adequasse; fosse; fosse.

Se tu: adequasses; fosses; fosses.

Se ele/ela: adequasse; fosse; fosse.

Se nós: adequássemos; fôssemos; fôssemos.

Se vós: adequásseis; fôsseis; fôsseis.

Se eles: adequassem; fossem; fossem.

Futuro do Subjuntivo

Quando eu: adequar; for; for.

Quando tu: adequares; fores; fores.

Quando ele/ela: adequar; for; for.

Quando nós: adequarmos; formos; formos.

Quando vós: adequardes; fordes; fordes.

Quando eles: adequarem; forem; forem.

Imperativo Afirmativo

--

adéqua; sê; vai **Tu**.

adéque; seja; vá **Você**.

adequemos; sejamos; vamos **Nós**.

adequai; sede; ide **Vós**.

adéquem; sejam; vão **Vocês**.

Imperativo Negativo

--

Não adéques; sejas; vás **Tu**.

Não adéque; seja; vá **Você**.

Não adequemos; sejamos; vamos **Nós**.

Não adequeis; sejais; vades **Vós**.

Não adéquem; sejam; vão **Vocês**.

Infinitivo Pessoal

Por adequar; ser; ir **Eu**.

Por adequares; seres; ires **Tu**.

Por adequar; ser; ir **Ele/Ela**.

Por adequarmos; sermos; irmos **Nós**.

Por adequardes; serdes; irdes **Vós**.

Por adequarem; serem; irem **Eles**.

ADVÉRBO

Possui a função de modificar o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio. Dentro da oração, sua função sintática é a de *adjunto adverbial*. Pode ser classificado como:

- **De afirmação:** *sim, certamente, deveras, incontestavelmente, realmente, efetivamente.*

- **De dúvida:** *talvez, quiçá, acaso, porventura, certamente, provavelmente, decerto, certo.*

- **De intensidade:** *assaz, bastante, bem, demais, mais, menos, muito, pouco, quanto, quão, quase, tanto, tão, etc.*

- **De lugar:** *abaixo, acima, adiante, aí, além, ali, alguém, aqui, atrás, através, cá, defronte, dentro, detrás, fora, junto, lá, longe, onde, perto, etc.*

- **De modo:** *assim, bem, de balde, depressa, devagar, mal, melhor, pior e quase todos aqueles que terminam em - mente: inteligentemente, pesadamente, etc.*

- **De negação:** *não, tampouco.*

- **De tempo:** *agora, ainda, amanhã, anteontem, antes, breve, cedo, depois, então, hoje, já, jamais, logo, nunca, ontem, outrora, sempre, tarde, etc.*

Quando empregados em interrogações diretas ou indiretas, alguns advérbios podem ser classificados como **interrogativos**:

- Por que? **de causa**:

Por que fez isso?

- Onde? **de lugar:**

Quero saber *onde* está minha carteira.

- Como? **de modo:**

Como está seu pai?

- Quando? **de tempo:**

Quando será seu aniversário?

Locução adverbial: são expressões, de uma ou mais palavras, que funcionam como advérbio. Podem ser formadas por uma preposição + um substantivo, um adjetivo ou um advérbio: *à noite; de repente; de perto.*

Mas podem ser mais complexas, como *palmo a palmo.*

Da mesma forma que os advérbios, as locuções adverbiais podem ser:

- **De afirmação (ou dúvida):**

com certeza; sem dúvida

- **De intensidade:**

de pouco, de muito, etc.

- **De lugar:**

por aqui, à direita, etc.

- **De modo:**

de bom grado, à toa, etc.

- **De negação:**

de maneira alguma, de modo algum, etc.

- **De tempo:**

de dia, à noite, etc.

Quando o advérbio modifica o **adjetivo**, o **particípio** isolado ou o **advérbio**, aparece antes destes:

Meio capenga, consegui atravessar o deserto.

No caso dos advérbios de **tempo** e de **lugar**, podem aparecer antes ou depois do **verbo**:

Outrora fora um lugar de glórias.

Eu não consigo *sair daqui*.

No caso dos advérbios de **negação**, vêm sempre antes do verbo:

Não consegui completar os objetivos propostos.

PREPOSIÇÃO

Possuem a função de relacionar dois termos de uma oração, fazendo com que o sentido do primeiro (termo regente) seja explicado ou completado pelo segundo (termo regido). A preposição é uma palavra invariável.

Sintaticamente, a preposição não desempenha nenhuma função sintática na oração. Sua função é unir palavras.

- “Vou a Paris”

Vou (**regente**)

a (**preposição**)

Paris (**regido**)

Quando expressa por apenas um vocábulo, a preposição é **simples**; quando formada por dois ou mais vocábulos (sendo o último uma simples, normalmente *de*), é **composta**.

Simples: *a; ante; após, até; com; contra; de; desde; em; entre; para; perante; por(per); sem; sob; sobre; trás.*

As preposições **simples** também são chamadas de **essenciais**, para distingui-las de palavras de outras classes que podem acabar funcionando como proposições. São as **preposições acidentais**: *afora, conforme, consoante, durante, exceto, fora, mediante, não obstante, salvo, segundo, senão, tirante, visto, etc.*

Locuções prepositivas: são expressões normalmente formadas por advérbio (ou locução adverbial) + preposição, e possuem função de preposição. Alguns exemplos: *abaixo de; apesar de; devido a; junto a.*

Uma preposição isolada não apresenta um sentido, mas, dentro de uma oração, pode expressar:

Assunto: Comentou *sobre* futebol.

Tempo: Caminhei *durante* dias.

Finalidade: Estudo *para* aprender.

Lugar: Vivo *em* Brasília.

Meio: Viajei *de* ônibus.

Falta: Estou *sem* grana.

Oposição: Jogou a torcida *contra* o técnico.

As preposições *a, de e per* podem se unir a outras palavras, formando uma única outra. Quando essa união ocorre sem a perda de fonema, temos a **combinação**; caso haja perda de fonema, o resultado é a **contração**.

- A preposição *a* pode se unir aos artigos e pronomes demonstrativos *o, os*, ou com o advérbio *onde*: *ao, aos, aonde*.

*Dica: *onde* indica lugar, *aonde*, movimento: Me lembro daquele lugar, *onde* vivi na infância; Vou *aonde* você for. (vou a + onde)

- As preposições *a, de, em, per* podem se contrair com artigos, e algumas até mesmo com pronomes e advérbios:

a + a = *à*; de + o = *do*; em + esse = *nesse*; per + a = *pela*.

CONJUNÇÃO

Tem a função de ligar orações ou palavras da mesma oração. São conectivos. Uma conjunção é invariável.

Não desempenham função sintática na oração. Quando utilizada em um período composto, faz com que haja uma relação de coordenação ou subordinação entre as orações que integram o período.

Conjunção coordenativa: faz uma ligação entre orações sem que uma dependa da outra, ou seja, a segunda oração não completa o sentido da primeira. Pode ser:

Aditiva - indica a ideia de adição: *e, nem, mas também, mas ainda, senão também, como também, bem como*.

Comeu o bolo, *bem como* o brigadeiro. (comeu o bolo + o brigadeiro)

Meu cachorro não só rola, *mas também* dá a patinha. (o cachorro rola e dá a patinha)

Adversativa - indica oposição, contraste: *mas, porém, todavia, contudo, no entanto, entretanto*.

O jogo estava bom, *mas* o time levou um gol. (a segunda oração apresenta uma ideia contrária, que faz oposição à primeira = estava bom / ficou ruim)

Alternativa - indica alternativa, alternância: *ou...ou, ora...ora, quer...quer, seja...seja, nem...nem, já...já*.

Ou você arruma um emprego *ou* você estuda. (quando um fato for cumprido, o outro não poderá ser efetivado)

Conclusiva - indica uma conclusão, consequência: *logo, pois, portanto, por conseguinte, por isso, assim, então*.

Carlos gastou tudo em apostas, *por isso* ficou pobre. (a primeira oração apresenta um fato, a segunda, sua consequência)

Explicativa - indica explicação, motivo: *que, porque, pois, porquanto*.

Vou dormir, *pois* estou caindo de sono. (a segunda oração explica a primeira, ou seja, por estar muito cansado, vai dormir)

Conjunção subordinativa: faz uma ligação de dependência, ou seja, o sentido da segunda oração dependerá da primeira. Excetuando as integrantes, as subordinativas iniciam orações que indicam circunstâncias.

Causal - apresenta ideia de causa: *porque, pois, porquanto, como* [no sentido de *porque*], *pois que, por isso que, já que, uma vez que, visto que, visto como, que*.

O cachorro late *porque* é bravo. (a causa de o cachorro latir é ele ser bravo)

Comparativa - inicia uma oração que termina o segundo elemento de uma comparação: *que, do que* (depois de - *mais, menos, maior, menor, melhor, pior*), *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como, assim como, bem como, como se, que nem*.

Era mais inteligente *que* forte.

Nada me chateia tanto *quanto* uma pessoa falsa.

Concessiva - inicia uma oração que indica uma concessão, um fato contrário: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que, que, por mais que*.

Coma, *mesmo que* apenas um pouco.

João se veste mal, *embora* seja rico.

Condicional - inicia uma oração que apresenta uma hipótese ou condição necessária: *se, caso, contanto que, salvo se, sem que* [no sentido de *se não*], *dado que, desde que, a menos que, a não ser que*.

Seria mais bonita, *se* fosse menos metida.

Hoje será um dia feliz, *caso* faça sol.

Conformativa - inicia uma oração que indica conformidade: *como, conforme, segundo, consoante*.

As coisas não são *como* antigamente.

Consecutiva - inicia uma oração que indica consequência: *que* (quando combinada com: *tal, tanto, tão* ou *tamanho*, presentes ou latentes na oração anterior), *de forma que, de maneira que, de modo que, de sorte que*.

Minha voz falhava tanto *que* mal podia falar.

Final - inicia uma oração que exprime fim, finalidade: *para que, a fim de que, porque* [no sentido de *para que*], *que*.

Trouxe a almofada *para que* se aconchegue.

Troquei algumas peças *a fim de que* o problema seja resolvido.

Proporcional - inicia uma oração que indica proporcionalidade: *à medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto, quanto mais... (mais), quanto mais... (tanto mais), quanto mais... (menos), quanto mais... (tanto menos), quanto menos... (menos), quanto menos... (tanto menos)*.

quanto menos... (mais), quanto menos... (tanto mais).

Quanto menos pensava, menos se preocupava. (o fato de uma oração se realiza de maneira simultânea ao da outra)

Temporal - inicia uma oração que indica tempo: *quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, enquanto, mal, que* [no sentido de *desde que*].

Veio me cumprimentar *assim que* me viu.

Agora que está chovendo, você quer sair de casa.

Integrante - inicia uma oração que pode funcionar como substantivo. Quando o verbo indicar certeza, utiliza-se *que*, quando indicar incerteza, *se*.

Afirmo *que* sou inocente.

Verifique *se* o gás está fechado.

Locução conjuntiva: *no entanto, visto que, desde que, se bem que, por mais que, ainda quando, à medida que, logo que, a fim de que, ao mesmo tempo que*.

Vamos supor a reescrita do trecho “Se o regime de chuvas no verão não superar a média dos últimos anos, a margem de manobra para 2022 será ainda menor.”

Qual alternativa está em conformidade com a norma-padrão e com o sentido do trecho?

(A) Desde que o regime de chuvas no verão não supera a média dos últimos anos, a margem de manobra para 2022 será ainda menor.

(B) Por mais que o regime de chuvas no verão não supera a média dos últimos anos, a margem de manobra para 2022 será ainda menor.

(C) Enquanto o regime de chuvas no verão não superar a média dos últimos anos, a margem de manobra para 2022 será ainda menor.

(D) Caso o regime de chuvas no verão não supere a média dos últimos anos, a

margem de manobra para 2022 será ainda menor.

(E) Ainda que o regime de chuvas no verão não supere a média dos últimos anos, a margem de manobra para 2022 será ainda menor.

A alternativa correta é a “D”. No trecho original temos a conjunção subordinativa condicional “se”. A alternativa “D” traz o mesmo tipo de conjunção, “caso”.

Na alternativa “B” temos uma conjunção concessiva (por mais que); na “C”, uma temporal (enquanto); na “E”, uma concessiva (ainda que).

A alternativa “A” traz uma conjunção condicional (desde que), porém o verbo “superar” apresenta conjugação incorreta, pois deveria ser “supere” (subjuntivo presente). A alternativa não está de acordo com a norma-padrão.

Questões

01. (TIBAGIPREV - Contador - FAFIPA/2022) “[...] balconista e cliente tentam, inutilmente, decifrar o nome de um medicamento na receita médica.”

As palavras destacadas no trecho anterior são classificadas, no seu contexto de uso, respectivamente como:

- (A) Advérbio, adjetivo e preposição.
- (B) Adjetivo, conjunção e substantivo.
- (C) Substantivo, preposição e adjetivo.
- (D) Adjetivo, conjunção e substantivo.
- (E) Substantivo, advérbio e adjetivo.

02. (Prefeitura de Viamão - Médico Clínico Geral - FUNDATEC/2022) No excerto “O conceito vem, ainda que vagarosamente, ganhando destaque nas mídias sociais e em rodas de conversas e debates”, a locução conjuntiva sublinhada exprime uma:

- (A) Conformidade.
- (B) Causa.
- (C) Condição.
- (D) Concessão.
- (E) Comparação.

03. (Prefeitura de Arroio do Padre - Técnico em Enfermagem - OBJETIVA/2022) Na frase “Humanos queriam seus pets pintadinhos”, o verbo sublinhado está no tempo:

- (A) Presente.
- (B) Pretérito perfeito.
- (C) Pretérito imperfeito.
- (D) Futuro do presente.

04. (Prefeitura de Montes Claros - Agente Comunitário de Saúde - COTEC/2022) Considere o trecho: “De certa maneira, antigas habitações eram pensadas assim também. **Porém**, com um detalhe importante: sua construção acontecia de forma que não interagisse somente com o habitante, **mas também** com a natureza.”

Os termos “porém” e “mas também” inserem, no trecho, respectivamente, as ideias de

- (A) conclusão e adversidade.
- (B) alternância e adversidade.
- (C) conclusão e explicação.
- (D) explicação e alternância.
- (E) adversidade e adição.

05. (Prefeitura de Montes Claros - Agente Comunitário de Saúde - COTEC/2022) Considere o trecho: “**À medida que** o progresso nos engole e atropela com novas obrigações e compromissos, uma parte de nós começa a idealizar uma vida diferente de tudo que nos cerca.”

A locução conjuntiva “À medida que” insere no trecho uma ideia de

- (A) concessão.
- (B) consequência.
- (C) comparação.
- (D) finalidade.
- (E) proporção.

Gabarito

01.E - 02.D - 03.C - 04.E - 05.E

Concordância verbal e nominal.

Concordância Nominal

É a relação estabelecida entre as palavras e o substantivo que as rege:

- Deve ocorrer concordância de **gênero** e **número** entre o núcleo nominal e os artigos, os pronomes indefinidos variáveis, os demonstrativos, os possessivos, os numerais cardinais e os adjetivos.

- Adjetivo com dois ou mais substantivos:

- Em substantivos do mesmo gênero, o adjetivo passa para o plural desse gênero ou concorda com o mais próximo:

Cabelo e bigode feitos (ou feito).

- Em substantivos de gêneros diferentes, o adjetivo passa ao masculino plural ou concorda com o mais próximo:

Barba e bigode feitos (ou feito).

- Caso o adjetivo esteja anteposto aos substantivos, concordará com o substantivo mais próximo:

Mantenha feitas a barba e o bigode.

- O adjetivo deve concordar com o substantivo mais próximo, quando teste possuir sentido equivalente ou gradação:

Exalava muita raiva e rancor.

Particularidades

Possível

- Quando preceder de **o mais**, **o menor**, **o melhor**, **o pior** (no singular):

Chegou o mais próximo possível.

- Quando preceder de **os mais**, **os menores**, **os melhores**, **os piores** (no plural):

Escolheu os melhores possíveis.

Incluso e Anexo

- O adjetivo concordará com o substantivo ao qual se refere:

Envio-lhe inclusos (ou anexos) os documentos.

*Em anexo é invariável:

Envio-lhe, em anexo, os documentos.

Leso

Do adjetivo “lesado”, deve concordar com o substantivo com o qual forma palavra composta:

O deputado cometeu crime de lesa-pátria

Predicativo

- Quando o substantivo apresentar sentido indeterminado, sem artigo, o adjetivo aparece no masculino:

É proibido entrada.

- Quando o substantivo apresentar sentido determinado, com artigo, o adjetivo deve concordar com o substantivo:

É necessária muita paciência.

- **Meio**, de metade, pode variar:

Só contou meias verdades.

- **Meio**, de advérbio, não varia:

Estava meio cansado.

- **Muito**, **Pouco**, **Bastante**, **Tanto**, quando pronomes, podem variar:

Havia bastantes nuvens no céu.

*Quando advérbios, não variam:

Ficaram muito cansados.

- **Só**, quando adjetivo, pode variar

Ele se sente só.

Eles se sentem sós.

- Quando indicar exclusão, não pode variar:

Só quem já passou por isso sabe.

- As palavras **pseudo**, **alerta**, **salvo**, **exceto** não são variáveis:

Ele (ela) é um pseudointelectual.

É bom ficarmos alerta.

Salvo-condutos.

Exceto ele (eles).

- **Quite**, de se livrar de algo, concorda com quem faz referência:

Estamos quites com o banco.

- As palavras **obrigado**, **mesmo** e **próprio** devem concordar com o gênero e número da pessoa a qual fazem referência:

Muito obrigada.

Ela mesma fez aquilo.

Sim, ela, a própria.

Importante lembrar que o artigo concorda com o substantivo:

Os gatos.

A gata.

Quando o pronome substitui o substantivo, deve concordar com o mesmo:

Rafael é um cara bacana. Ele é meu amigo.

Maria e Gabriela são conhecidas. Elas são minhas vizinhas.

*Note que: o adjetivo deve concordar com o substantivo. Quando o pronome substitui o substantivo, o adjetivo concorda com o mesmo.

Concordância Verbal

O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito da oração.

- Com sujeito simples, concordância em número e pessoa:

Rafael escreverá diversos romances e poesias.

- Caso seja sujeito composto, verbo no plural:

Seu olhar e seu sorriso mexeram com meu coração.

- Caso um desses sujeitos aparecer depois do verbo, então a concordância ocorre com o núcleo mais próximo, ou fica no plural:

Ainda imperavam (ou imperava) o ferro e o porrete.

- Se o sujeito for composto por pronomes pessoais distintos, a concordância do verbo

se dará pela prioridade gramatical das pessoas:

Eu e você somos amigos.

Tu e ele fazeis bem. Como o vós deixou de ser utilizado, o mais comum, hoje, é “Tu e ele fazem bem”.

- Quando as expressões **não só...mas também**, **tanto/quanto** estão relacionadas a sujeitos compostos, há a possibilidade de concordância tanto no singular quanto no plural:

Tanto meu primo quanto seu pai conseguiram (ou conseguiu) uma nova casa.

- Quando o sujeito composto, que estiver ligado por **ou**, indicar uma exclusão ou sinonímia, o verbo deve ficar no singular:

Carlos ou André será o vencedor.

- Mas se indicar uma inclusão ou antonímia o verbo deve ficar no plural:

O bem e o mal estão presentes nas pessoas.

- Caso indicar uma retificação, o verbo deve concordar com o núcleo mais próximo:

O técnico ou os jogadores darão entrevista após o jogo.

- Quando expressões do tipo a **maioria de**, **a maior parte de** + **um nome** representar o sujeito, o verbo deve concordar no singular para realçar o todo, ou no plural para realçar a ação individual:

A **maioria** das pessoas *quer* um país melhor.

A maioria das **pessoas** *querem* um país melhor.

Quando o referente do pronome relativo **que** for, por exemplo, **daqueles**, o verbo vai para a 3ª pessoa do plural.

Não *sou* daqueles **que corre**.

*Mas a concordância poderia ocorrer com **um daqueles**.

Não sou um **daqueles que correm**.

- Quando houver o verbo **ser** + **pronome pessoal** + **que**, a concordância do verbo ocorre com o pronome pessoal:

Sou eu que faço isso. Somos nós que fazemos isso.

- Caso ocorra o verbo **ser** + **pronome pessoal** + **quem**, então o verbo concordará com o pronome pessoal ou ficará na 3ª pessoa do singular:

Sou eu quem começo a dança. Sou eu quem começa a dança.

- O verbo fica no plural quando os nomes próprios locativos ou intitulativos forem precedidos de artigo no plural. Do contrário, fica no singular:

Os Estados Unidos são uma potência mundial.

Minas Gerais é um estado brasileiro.

- Quando as expressões **um dos** e **uma das** vier antes do pronome relativo, o verbo fica no plural ou na 3ª pessoa do singular:

Ele é um dos que mais jogou (ou jogaram).

- Caso transmita a ideia de seletividade, o verbo fica no singular:

Aquele é um dos livros de Stephen King que virará filme este ano.

- Quando ocorre **sujeito nome de algo** (ou um dos pronomes **nada, tudo, isso** ou **aquilo**) + o verbo **ser** + **predicativo no plural**, o verbo **ser** fica no singular ou no plural (o que comumente ocorre):

Assim falou o professor: a pátria não é ninguém, são todos.

- Caso os pronomes **quem, que** e **o que** iniciem uma oração interrogativa, o verbo **ser** deverá concordar com o nome ou pronome que o suceder:

Quem foram os eleitos?

- Quando o primeiro termo (que é sujeito) for um substantivo e o segundo termo for um pronome pessoal, o verbo **ser** vai concordar com o pronome pessoal:

As árvores somos nós.

- O verbo **ser** fica no singular em expressões como **é muito, é pouco, é mais de, é tanto, é bastante** que indicam um preço, medida ou quantidade:

Hoje em dia cem reais é quase nada.

- Quando o verbo **ser** indicar data, hora ou distância, deve concordar com o predicativo:

São exatamente duas horas. Hoje são 20 de setembro.

- Quando temos a voz passiva sintética e o pronome apassivador **se**, o verbo deve concordar com o objeto direto aparente, que é o sujeito paciente:

Observavam-se luzes.

“Quando **se usa** sete chaves para guardar o amor, ele vai da boca para fora”.

Vejamos: sete chaves são usadas. Portanto, o verbo ficou no plural, então o correto é: “quando **se usam** sete chaves...”

- Quando o sujeito é indeterminado e houver o pronome indeterminador do sujeito, o verbo aparece na 3ª pessoa do singular:

Precisa-se de funcionários.

- O verbo “existir” aceita flexão:

Existe isso mesmo?

Existem pessoas bondosas por aí.

Questões

01. (Prefeitura de Bom Conselho - Técnico de Laboratório - UPENET/IAUPE/2022) Assinale a alternativa cujo termo sublinhado NÃO indica exemplo de Concordância Nominal.

(A) “...ele escreveria a famosa afirmação de que a vontade de ter fê...”

(B) “E que um dos métodos mais importantes para criar essa crença...”

(C) “...ou com praticamente nenhuma consciência.”

(D) “Este é o verdadeiro poder do hábito.”

(E) “...cria os mundos onde cada um de nós habita.”

02. (Prefeitura de Pedras Altas - Tesoureiro - OBJETIVA/2022) Em relação à concordância verbal, assinalar a alternativa CORRETA:

(A) Havia documentos guardados na gaveta

(B) Os meninos não compreendeu aquele cartaz.

(C) As alunas passaram na prova.

(D) Existe muitas pessoas que gostam de verão.

03. (Câmara Municipal de São José dos Campos - Auxiliar Legislativo - VUNESP/2022) Assinale a alternativa em que a frase redigida a partir do texto está em conformidade com a norma-padrão de concordância verbal e nominal da língua portuguesa.

(A) Mudanças profundas foram observada em relação ao censo educacional do último ano.

(B) A condição de desigualdade econômica e cultural criam obstáculos à aprendizagem escolar.

(C) A queda no número de alunos matriculados em algumas séries é um dado muito significativo.

(D) A falta de vagas em creches e pré-escolas atingem de modo muito especial famílias pobres.

(E) Nos estados do Norte do país as bibliotecas são mais escasso do que na região Sudeste.

Gabarito

01.E - 02.C - 03.C

Regência verbal e nominal.

Regência Nominal

É a relação entre um substantivo, adjetivo ou advérbio e os termos por eles regidos. Uma preposição sempre será a intermediadora dessa relação.

Exemplos:

Substantivos

união *a, com, entre*

compaixão *de, para com, por*

respeito *a, para com, com, por*

Adjetivos

acessível *a*

compatível *com*

desgostoso *com, de*

atencioso *com, para com*

Advérbios

rente *a*

perto *de*

Regência Verbal

É a relação entre o verbo e seus termos complementares, que podem ser objetos diretos ou indiretos, ou entre os termos que caracterizam o verbo, como os adjuntos adverbiais.

Um verbo pode ser **intransitivo**, o que significa que ele apresenta um sentido completo, por isso não precisa de um complemento. Mesmo que adjuntos adverbiais possam acompanhar alguns desses verbos, não podem ser considerados como objetos.

O adjunto adverbial demonstra uma circunstância, ou seja, tempo, intensidade, modo, lugar, etc. Trata-se de um termo acessório da oração e pode modificar um verbo, um advérbio ou um adjetivo. Caso seja retirado da oração, a estrutura sintática da mesma não é prejudicada, já que se trata de um termo acessório.

- Ventou pouco ontem.

Ventou é um verbo impessoal intransitivo, impessoal pois não há alguém praticando a ação e intransitivo por apresentar um sentido completo. Ao falar ventou, não há necessidade de complemento, o sentido já fica compreensível.

Pouco ontem é um adjunto adverbial de intensidade (pouco) e de tempo (ontem). Esse complemento não é necessário para o verbo, é apenas um termo acessório.

Um verbo também pode ser **transitivo**, o que significa que ele precisa de um complemento para criar um sentido.

O verbo é **transitivo direto** quando é acompanhado de **objeto direto** e não requer uma preposição para a regência.

- Faço crochê.

Faço é transitivo direto, pois não apresenta um sentido. Quem faz, faz alguma coisa. Faço! Tá, mas faz o quê? Por isso há a necessidade do complemento, nesse caso a pessoa faz **crochê**, que é o objeto direto, uma vez que não há uma preposição entre o verbo e o complemento.

Por outro lado, no caso dos verbos **transitivos indiretos**, o complemento ocorre por meio de um **objeto indireto**. Isso quer dizer que há a necessidade de uma preposição para a regência desse verbo.

- Voltei de Sergipe.

Voltei é transitivo indireto, pois está ligado à preposição. Quem volta, volta de algum lugar. **Sergipe** é objeto indireto, já que sua relação com **voltei** ocorre indiretamente, por meio da preposição **de**.

Um verbo pode ser **transitivo direto e indireto**. Em determinadas construções, o verbo pode precisar de um objeto direto e um indireto para fazer sentido.

“Eu vou emprestar o livro a você”. (**objeto direto** = o livro; **objeto indireto** = a você)

“Agradei o convite ao noivo”. (**objeto direto** = o convite; **objeto indireto** = ao noivo)

É importante prestar atenção, pois alguns verbos podem possuir mais de um sentido, mas a mesma grafia. Como **assistir**.

No sentido de observar, ele é transitivo indireto: Eu assisti ao jogo de futebol.

Porém, no sentido de prestar assistência (ou acompanhar), pode ser transitivo direto: O médico assistiu o paciente.

Pronome relativo

Esses pronomes iniciam orações adjetivas. Caso o verbo, nesse tipo de oração, precisar de uma preposição, ela deve aparecer antes do pronome relativo.

O autor *do qual sou* fã venceu o Nobel. (eu gosto do autor)

Este é o quadro *a cujo* pintor aludi. (aludi ao pintor)

O bairro *aonde foram* é inóspito. (foram a)

A cidade *donde vinha* é pouco conhecida. (vinha de)

Alguns verbos e suas regências:

Aspirar: se empregado no sentido de *sorver*, é transitivo direto.

“Aspirou o ar lentamente”.

Caso seja usado no sentido de *pretender*, é **transitivo indireto**.

“Ele aspirava à carreira de jogador.”

Chamar: no sentido de *convocar*, é **transitivo direto**.

“Pedro chamou o filho para dentro.”

No sentido de *invocar*, é **transitivo indireto**.

“Chamou pela mãe”.

No sentido de qualificar, é **transitivo direto**.

“Acho que vou chamá-lo inocente”. (o objeto direto vem com predicativo)

“Acho que vou chamá-lo de inocente”. (pode vir precedido pela preposição *de*)

Ensinar: se utilizado com *pessoas*, é **transitivo indireto**, se utilizado com *coisas*, **transitivo direto**.

“O professor ensinou aos alunos”.

“O professor deveria ter ensinado aquilo”.

“O professor podia ensinar os alunos até que aprendessem tudo”. (aqui aquilo que é ensinado é silenciado, por isso é **transitivo direto**)

No sentido de *castigar, educar*, é **transitivo direto**.

“Vou ensiná-lo agora mesmo!”

Esquecer: no sentido de *perder da lembrança*, é **transitivo direto**.

“Nunca esqueci o beijo que me deu”.

Quando pronominal, pede a preposição *de*, sendo **transitivo indireto**.

“Eu me esqueci do dever de casa”.

Interessar: no sentido de *dizer respeito a, importar, ser proveitoso, ser do interesse de*, é **transitivo direto** ou **indireto**.

“Isso interessa a você?”.

“Eu pensei que isso não te interessasse”.

No sentido de *prender a atenção*, é **transitivo direto**.

“O filme na televisão interessou o garoto”.

No sentido de causar curiosidade, pode ser **direto** e **indireto**.

“O anúncio conseguiu interessar toda a população em suas promoções.”

No sentido de *ter interesse*, é **indireto** podendo ser com a preposição *em* ou *por*:

“Ele não tinha interesse em matemática”.

“Ele se interessava por futebol”.

Responder: no sentido de dar resposta, é **transitivo indireto** em relação à pergunta.

“A partir da leitura do texto, responda à questão”.

Para *expressar resposta*, é **transitivo direto**.

“Respondi todas as cartas”.

Pode ser **direto** e **indireto**.

“Respondeu-lhe que planejava tomar novos rumos no futuro”.

No sentido de *replicar*, é **transitivo indireto**.

“Respondeu com igual ferocidade”.

Pode ser **intransitivo**.

“Perguntei, mas não responde.”

Se utilizado com sentido de *repetir um som*, é intransitivo.

“Um gato miou, outro respondeu”.

No sentido de *ser responsável*, é **transitivo indireto** com preposição *por*.

“O rapaz respondia pelo idoso”.

Questões

01. (SEA/SC - Engenheiro - IBADE/2022) A alternativa em que a regência verbal está de acordo com a norma culta da língua é:

(A) Quero-lhe muito bem, por isso vou assistir ao seu jogo.

(B) Assim que lhe encontrar, aviso-lhe do acontecido.

(C) Marta esqueceu do compromisso e não pagou ao pintor.

(D) Ela namora com Luís, mas prefere mais suas amigas de farra do que ele.

(E) Sérgio desobedecia seus avós, mas obedecia os pais.

02. (TJ/RS - Juiz Estadual - FAURGS/2022) Qual das expressões sublinhadas abaixo é um termo regido por um antecedente nominal?

(A) Sêneca esforçou-se por mostrar.

(B) o autodomínio, pode ser trilhado por qualquer indivíduo.

(C) pode auxiliar os humanos a viver de modo harmônico.

(D) Ele nos mostra que estar preparado para um revés da sorte é o caminho mais seguro.

(E) tomam a realidade simplesmente por aquilo que nossos olhos veem.

Gabarito

01.A - 02.D

Colocação pronominal.

Ênclise

Quando o pronome átono vem depois do verbo:

Sujei-me

Próclise

Quando o pronome átono vem antes do verbo:

Eu me sujei.

Mesóclise

Quando o pronome átono aparece no meio, só podendo ocorrer com formas do futuro do presente ou do futuro do pretérito:

Sujar-me-ei; Sujar-me-ia

Regras

- Verbo no futuro do presente ou futuro do pretérito: apenas próclise ou mesóclise:

Eu me limparia.

Eu me limparei.

Limpar-me-ei

Limpar-me-ia

Próclise obrigatória:

- Em orações com palavras negativas sem pausa entre tal palavra e o verbo:

Nunca a encontrei tão bela e serena.

Aquela acha ainda não pegou e você não a atçou.

- Em orações que começam por pronomes ou advérbios de interrogação:

Quem me enviou esse presente?

Por que te entregas a ele?

- Em orações exclamativas ou que indicam desejo:

Que Deus me acuda!

- Em orações subordinadas desenvolvidas, mesmo que seja uma conjugação oculta:

Quando me vesti, ela já me esperava toda pronta.

- Preposição **em** e gerúndio:

Isso não está lhe fazendo bem.

- Nem a ênclise, nem a próclise, ocorre com participípios. A forma oblíqua regida de

preposição é utilizada quando o participípio estiver desacompanhado de auxiliar:

Dada a mim a redação, foi embora.

- A próclise e a ênclise são aceitas com infinitivos, todavia, há uma preferência pela segunda:

Conta-me histórias para me impressionar.

Para não irritá-la, saí de fininho.

- Se o pronome apresentar a forma **o** (principalmente no feminino **a**) e o infinitivo estiver regido pela preposição **a**, a ênclise é mais utilizada:

Se me ouvisse, não continuaria a mimá-lo.

A próclise pode ocorrer também:

- Em advérbios (**bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez**) ou em locuções adverbiais que não tenham pausa os separando:

Até mesmo ele, aos poucos, já me parecia mais familiar.

- Em orações com ordem inversa que comecem com objeto direto ou predicativo:

Fazem o que querem lá dentro; isso te garanto.

- Quando o sujeito estiver anteposto ao verbo com o numeral **ambos** ou pronomes indefinidos:

Alguém lhe carregue daqui.

- Em orações alternativas:

- Só há duas opções: ou as pegue ou as pego eu.

- Quando houver uma pausa antes do advérbio ou locução adverbial, usa-se ênclise:

Desde cedo, notou-se sua grande genialidade.

- Em locuções verbais com o verbo principal no gerúndio ou infinitivo, usa-se ênclise:

O policial veio interrogar-me.

- Temos próclise com o verbo auxiliar quando temos:

Uma palavra negativa: Ninguém o questiona aqui.

Advérbios ou pronomes de interrogação: Que é que lhe podia ocorrer?

Orações que comecem com palavras exclamativas ou que denotem desejo: Ele nos há de ajudar!

Orações subordinadas desenvolvidas, mesmo que a conjugação esteja oculta: Então virei à esquerda, onde o sujeito me estava aguardando

- Se não houver um elemento que atraia a próclise, a ênclise pode ocorrer ao verbo auxiliar:

Ia-me correndo atrás dele.

- O pronome átono não pode fazer ênclise ao verbo principal que estiver no particípio. Nesse caso, o ocorre a próclise ou a ênclise com o verbo auxiliar:

Tenho-o visitado diariamente, nunca notou?

Dirija-se ao balcão, e tudo lhe será devolvido.

- Ao escrever, nunca inicie uma oração com um pronome oblíquo átono:

Me fizeram de bobo. **Não é o correto** na norma culta

Fizeram-*me* de bobo. **Esse é o correto.**

Questões

01. (PC/SP - Investigador de Polícia - VUNESP/2022) Assinale a alternativa em que a posição do pronome destacado está em conformidade com a norma-padrão de colocação pronominal.

(A) Atualmente, ainda considera-**se** um marco histórico o domínio de técnicas de agricultura.

(B) **Se** conhecendo a natureza de nossos ancestrais, será possível encontrar algumas respostas.

(C) Nossa forma de organização resume-**se** ao que já era visto entre nossos ancestrais coletores.

(D) A psicologia evolutiva tem dedicado-**se** a desvendar a origem de aspectos da nossa natureza.

(E) Jamais soube-**se** o período de tempo em que os humanos sobreviveram da caça e da coleta.

02. (Prefeitura de São Miguel do Oeste - Técnico Administrativo - AMEOSC/2022) Marque a frase escrita com exemplo de próclise.

(A) Pense na riqueza do "Nosso Planeta".

(B) O crescimento constante da população e o consequente aumento do consumo.

(C) A maioria dos seres vivos só se utiliza daquilo que realmente precisa para subsistir.

(D) Mas uma espécie como a nossa, capaz de realizações magníficas no campo das artes, das ciências e da filosofia.

Gabarito

01.C - 02.C

Crase.

Apesar de a crase ser marcada na escrita com o acento grave, não se trata de uma questão de acentuação ou tonicidade, mas sim de uma contração da preposição **a**, que pode ser com:

- o artigo feminino **a** ou **as**

“Fomos **à** Bahia e assistimos **às** festividades”.

- o pronome demonstrativo **a** ou **as**

“Chamou as funcionárias e entregou o documento **à** mais experiente”.

- o **a** inicial dos pronomes **aquele(s)**, **aquela(s)**, **aquilo**

“Estava se referindo **à**quele menino”.
“Poucos se aventuram **à**quela cidade”.

A crase é resultado da contração da preposição **a** (exigida por um termo subordinante) com o artigo feminino **a** ou **as** (solicitado por um termo dependente).

“Fui à praia”
Fui a (**preposição**) +
a (**artigo**) praia

“Assisti à peça”
Assisti a (**preposição**) +
a (**artigo**) peça

Quando não existe a presença da preposição ou do artigo, o uso da crase não acontece.

“Os turistas visitaram a praia”
Os turistas visitaram +
a (**artigo**) praia

“Não conte a ninguém”
Não conte +
a (**preposição**) ninguém

Casos onde não há crase

- diante de palavras masculinas

“Não assisto **a** filmes de terror, pois tenho medo”.

*Se as palavras **moda** ou **maneira** forem retomadas, por elipse, pelas expressões **à moda de** ou **à maneira de**, a crase aparece diante de nomes masculinos:

“Estilo **à** Machado de Assis”.

“Deixou crescer o bigode **à** Salvador Dalí”.

- diante de substantivos femininos utilizados em sentido geral e indeterminado

“Não comparece **a** festas, muito menos **a** reuniões”.

- diante de nomes de parentesco que precedidos de pronome possessivo

“Peça desculpas **a** sua avó!”

- diante de nomes próprios, quando não admitirem o artigo

“Ela pretende ir **a** Brasília e depois **a** São Paulo”.

* Se o nome próprio admitir o artigo, ou vier acompanhado de adjetivo ou locução adjetiva, ocorrerá o uso da crase:

“Fomos **à** Alemanha para conhecer a cultura local”.

“Fui **à** bela São Paulo”.

- diante da palavra **casa**, no sentido de *lar, domicílio*, quando não estiver acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva

“Voltei **a** casa alegre.” [Vou para casa; vim de casa.]

*Se a palavra **casa** estiver acompanhada de adjetivo ou locução adjetiva, ocorrerá o uso da crase:

“Fui **à** casa de meu vizinho”.

*Quando **casa** não designar um lar, deve-se empregar a crase:

“O economista foi **à** Casa da Moeda”.

“Dom Pedro II pertenceu **à** casa de Bragança”.

- em locuções formadas pela repetição da mesma palavra

“Os lutadores ficaram **frente a frente**”.

“**Dia a dia**, luto para melhorar de vida”.

- diante do substantivo **terra**, em oposição a **bordo**, a **mar**

“O capitão resolveu fazer uma parada para os marinheiros descenderem **a terra**.”

*Com exceção desse tipo de caso, usa-se crase:

“O piloto realizou uma manobra, e o avião voou rente **à terra**”.

- diante de artigos indefinidos e de pronomes pessoais (mesmo os de tratamento) e interrogativos

“Chegaram à estação **a uma** hora ruim.”

“Para solucionar o problema, recorreram **a mim**”.

*Senhora e senhorita são exceções, por isso a crase deve ser utilizada:

“Peço **à** senhora que tenha pena de mim”.

“Quero entregar este presente **à** senhorita”.

- antes de outros pronomes que não aceitam o artigo, situação que ocorre com a maioria dos indefinidos e relativos e grande parte dos demonstrativos

“Referi-me **a** todas as pessoas”.

“Referi-me **a** quem pergunto”.

“Refiro-me **a** qualquer pessoa”.

“Pois essa é a vida **a** que almejamos”.

“Diariamente chegam visitas **a** esta localidade”.

*Certos pronomes admitem o artigo, e dão espaço à crase:

“Prestavam atenção umas **às** outras”.

“Diga **à** tal senhora que aqui nós trabalhamos com seriedade e profissionalismo”.

- diante de numerais cardinais que se referem a substantivos não determinados pelo artigo, utilizados em sentido genérico

“Assisti **a** duas séries em sequência”.

“A fábrica fica **a** seis quilômetros da casa do trabalhador.”

“O número de pessoas na arquibancada não chegava **a** quinze.”

*A crase deve ser utilizada em locuções adverbiais que expressam hora determinada e em casos nos quais o numeral ser precedido de artigo:

“Chegou **às** duas horas da tarde”.

“Entregaram as medalhas **às** três atletas vencedoras”.

- diante de verbos

“Estou disposto **a** fazer tudo o que pedir”.

“Começaram **a** trabalhar com afinco”.

- Antes de palavra no plural:

“Não gosto de ir **a** festas muito lotadas.”

Por outro lado

A crase ocorre antes de locuções formadas de substantivo feminino

- locuções adverbiais (**à** parte);

- locuções conjuntivas (**à** medida que);

- locuções prepositivas (**à** força de).

*Em locuções adverbiais que indicam instrumento ou meio, a crase é opcional:

“Escrever **a** (ou **à**) mão”.

Em casos nos quais a palavra *distância* aparecer determinada, ou quando essa palavra significar *na distância*, usa-se crase:

“O gol estava **à** distância de 30 metros do batedor da falta”.

* Há um certo consenso entre gramáticos de não utilizar crase nos casos onde a distância não estiver especificada. Por isso escreve-se:

“Educação **a** distância”.

“Observava-o **a** distância”.

Haverá crase quando a locução prepositiva *até a* aparecer seguida de palavra feminina:

“Até **à** hora da saída, os alunos fizeram muita bagunça”.

Uso facultativo da crase

- antes de nomes próprios femininos:

“Entregarei o presente de aniversário **à** Júlia (ou **a** Júlia)”.

- antes de pronomes possessivos femininos:

“Enviei a carta **a** minha mãe (ou **à** minha mãe)”.

Dica:

Usamos crase quando temos a preposição *a* + o artigo *a*.

“Vou **à** Lua”.

Tem crase, pois o verbo pede a preposição *a* (quem vai, vai a algum lugar) e Lua é feminina (a Lua).

“Vou **a** Marte”.

Não tem crase, pois Marte é indefinido. Ninguém diz “o Marte” ou “a Marte”.

“Vou **ao** Japão”.

Não tem crase, pois Japão é masculino (o Japão). Então a preposição *a* se junta ao artigo *a*, formando *ao*.

“Vou às praias do Nordeste”.

Tem crase, pois a preposição está no plural, assim como o artigo antes do substantivo no plural.

“Vou a praias e a montanhas.”

Não há crase, pois a preposição fica no singular, apesar de os substantivos estarem no plural. Os substantivos não estão especificados, como no exemplo acima.

“Vou aos pontos turísticos mais conhecidos”.

A preposição se junta ao artigo no plural *os*, formando *aos*.

Questões

01. (PC-SP - Escrivão de Polícia - VUNESP/2022) Assinale a alternativa em que os sinais indicativos de crase estão empregados de acordo com a norma-padrão.

(A) Foi comunicado à todas as seções que os adiantamentos de salário estão suspensos, até à próxima semana.

(B) Serão destinados recursos à populações desabrigadas, com especial atenção às crianças.

(C) Os depoimentos serão colhidos de segunda à sexta- -feira, exigida à presença da autoridade competente.

(D) Está definido que à partir da próxima semana os documentos serão enviados à matriz, para arquivamento.

(E) A preferência no atendimento será dada àquelas pessoas que fizeram agendamento pelo site, como convém à ordem dos trabalhos.

02. (Prefeitura de Juatuba - Assistente Social - REIS & REIS/2022) Assinale a alternativa em que está correto o uso da crase.

(A) À partir daquele momento, tudo começou a fazer sentido.

(B) Os livros foram entregues à ele.

(C) Ela havia se referido às crianças da vizinha.

(D) Tudo terminou dentro do prazo, graças à Deus.

Gabarito

01.E - 02.C

[illegible]